

# CHINA E AS CONEXÕES DO DESENVOLVIMENTO: QUESTÕES DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA<sup>1</sup>

Demian Castro<sup>2</sup>

Este artigo procura discutir alguns dos dilemas atuais do desenvolvimento chinês. A partir de um quadro de indicadores econômicos, que apontam uma desaceleração consistente do crescimento, são discutidas questões relativas à população, ao mercado de trabalho, às políticas sociais e a transição para um padrão de acumulação mais tecnológico. Aponta-se que a construção de bem-estar é o grande desafio chinês.

**Palavras-chave:** mercado; socialismo; bem-estar; cidadania.

## CHINA AND THE DEVELOPMENT CONNECTIONS: QUESTIONS ON ECONOMICS, SOCIETY AND POLITICS

This article aims to discuss some dilemmas of the current chinese development. From an outlook on economic data that shows a consistent development slowdown, questions about population, workforce, social politics and the transition to a more technological pattern of accumulation, are discussed. What is pointed out here is that the production of welfare is the biggest chinese development challenge.

**Keywords:** market; socialism; welfare.

## CHINA Y LAS CONEXIONES DEL DESARROLLO: CUESTIONES DE ECONOMÍA, SOCIEDAD Y POLÍTICA

Este artículo busca discutir algunos de los dilemas actuales del desarrollo chino. Partiendo de un cuadro de indicadores económicos que muestran una desaceleración consistente del crecimiento, son discutidas cuestiones sobre la población, el mercado de trabajo, las políticas sociales y la transición para un patrón de acumulación más tecnológico. Apúntase que la construcción de bienestar es el gran desafío del desarrollo chino.

**Palabras clave:** mercado; socialismo; bienestar; ciudadanía.

JEL: P24; P27; P36.

---

1. Este texto é resultado de um pós-doutoramento realizado pelo autor no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob a valiosa e arguta supervisão do professor José Carlos de Souza Braga, concluído em 2015, e, também, de uma série de discussões e seminários realizados pelo grupo de estudos Brasil-China do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O autor agradece aos alunos e professores integrantes do grupo de estudos Brasil-China do Departamento de Economia da UFPR o interesse pelo tema e as contribuições, e também aos avaliadores da revista pela leitura atenta do artigo.

2. Professor do Departamento de Economia da UFPR; coordenador do grupo de estudos Brasil-China da UFPR; e pesquisador na área de vias de desenvolvimento e economia brasileira. *E-mail:* <demian@ufpr.br>.

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto tem um propósito fundamentalmente especulativo, pois procura conectar questões econômicas, sociais e políticas, levantando alguns problemas e desafios vitais para os rumos da via de desenvolvimento chinesa. Nenhum deles é de trivial solução, nem pode excluir o terreno da política, já que é nele que, por excelência, receberão sua formatação final. Seu caráter amplo deliberadamente obedece à tentativa do autor de captar as coordenadas do processo de desenvolvimento de um país de longa vida, que poucas vezes parece ter perdido seu rumo, mesmo admitindo a gravidade dos períodos em que parecia desprovido de soberania e iniciativa.

O processo de desenvolvimento de uma nação constitui fenômeno multiplamente determinado; neste sentido, o texto tenta ser um modelo para armar visando a uma primeira aproximação à complexa realidade chinesa, preferindo um enfoque holístico, em vez de optar por temas específicos que, dificilmente, ajudariam a compor uma imagem mais geral.

O precoce envelhecimento da população estabelece certa urgência no prosseguimento das transformações econômicas rumo a uma sociedade mais qualificada e inovadora. Muito mais rápido do que em outras experiências de industrialização, o envelhecimento da população chinesa tende a eliminar as vantagens internacionais de custo da mão de obra. Mas, para realizar o salto rumo a um padrão de acumulação com maior conteúdo e domínio tecnológico, a China terá que acelerar a montagem de um dispendioso sistema de proteção social e de qualificação para a grande massa, reafirmando assim a sua vocação socialista.

O trabalho está dividido, além desta introdução, em três seções e uma conclusão. Na segunda seção, são feitos uma breve descrição geográfica, uma caracterização da população e um perfil da organização política e federativa desse país, com rápidas considerações sobre o relativamente recente domínio do Partido Comunista, a partir de 1949. Na terceira seção, faz-se uma análise econômica, quase conjuntural, dos últimos cinco anos. Passando pelo produto interno bruto (PIB), a agricultura, a indústria, o comércio interno, os investimentos e o comércio exterior, entre outras áreas, podem-se visualizar resultados robustos, embora em ritmos declinantes. A redução do ritmo de crescimento exacerba os conflitos e aumenta a pressão sobre o Estado. Optou-se por utilizar dados produzidos pelo National Bureau of Statistics of China, com o intuito de visualizar como a cúpula chinesa enxerga o declínio do crescimento e as novas condições do desenvolvimento. Esta parte serve de base para a terceira, na qual é feita uma análise prospectiva a partir do cruzamento ou conexão de questões econômicas, sociais e políticas que, em várias dimensões, definem problemas e sugerem desafios, como resultado da acelerada mudança estrutural das últimas décadas. Nas conclusões, são lembrados os principais pontos discutidos ao longo do texto,

apontando para a boa dotação e controle de recursos políticos e financeiros que, em princípio, podem viabilizar mais uma grande transição na sociedade chinesa.

## 2 ASPECTOS GEOGRÁFICOS, POPULACIONAIS E ADMINISTRATIVOS

A República Popular da China ocupa um território de 9.596.961 km<sup>2</sup>, é o terceiro maior país do mundo, ficando atrás da Rússia e do Canadá. Deste território, com imensas reservas minerais, quase a metade apresenta condições inóspitas para a ocupação – trata-se da área do deserto de Gobi e da área ao noroeste sob influência do Tibete, cuja geografia é dominada pela cordilheira do Himalaia e suas ramificações. Seu clima é marcado pelas monções do Sudeste, que fazem com que os invernos sejam secos e os verões, úmidos.

Comparado a outras nações de territórios extensos, como a Índia, os Estados Unidos e a Rússia, o país apresenta a menor área *per capita* arável e, considerando a baixa dotação de florestas e água, entende-se por que, numa era de industrialização e urbanização elevadas, a questão do meio ambiente assume características dramáticas e pode efetivamente vir a operar como limitador do desenvolvimento endógeno (Naughton, 2007).

No final de 2014, a população chinesa totalizou 1.367.820.000 de pessoas, confirmando a condição de país mais populoso do mundo. A população urbana residente era de 749,16 milhões (54,77%) e a rural, de 618,66 milhões (45,23%). O número de homens superava o número de mulheres, 51,2% e 48,8%, respectivamente. A pirâmide demográfica mostra que a população entre 15 e 59 anos representa 67% do total. Somando a população acima dos 60 anos, atinge-se a marca de 82,5%. A população entre 0 e 15 anos representava 17,5%. Este perfil demográfico foi alcançado de modo muito rápido e é consequência, em parte, da política do filho único e do avanço da longevidade.<sup>3</sup>

O país é dividido em 31 províncias, representando unidades federativas; muitas delas são longevas, e umas poucas são de criação mais recente. Na verdade, elas podem ser mais bem subdivididas em quatro municipalidades sob supervisão nacional, cinco regiões autônomas de minorias étnicas e 22 províncias. A urbanização acelerada tem produzido um quadro cidadão marcado pela concentração elevada de população, com quatro ou cinco megacidades (conforme a metodologia adotada) acima dos 10 milhões de habitantes e mais de 14 cidades com habitantes acima dos 5 milhões.<sup>4</sup> Beijing e Shangai são as duas maiores

3. Os dados da população e a seção 3 deste texto baseiam-se em Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China (2015).

4. Existem inúmeros *rankings* das cidades mais populosas da China, os quais adotam metodologias diferentes. A este respeito podem ser citados dois sítios: <[www.chinahighlights.com](http://www.chinahighlights.com)> e <[www.nationsonline.org](http://www.nationsonline.org)> (The most populated cities in China). Para uma análise do sistema urbano na China ver OECD (2015).

metrópoles, na casa dos 20 milhões de habitantes, cada uma, e um impressionante poder polarizador que se espalha até Tianjin, no caso da primeira, e por todo o delta do Yang Tsé, no caso da segunda.

**TABELA 1**  
**População total e sua composição ao final de 2014**

Composição	População	Proporção (%)
População total	1.367.820.000	100,00
População urbana	749.160.000	54,77
População rural	618.660.000	45,23
Homens	700.790.000	51,20
Mulheres	667.030.000	48,80
Faixa etária entre 0-15 anos	239.570.000	17,50
Faixa etária entre 16-59 anos	915.830.000	67,00
Faixa etária entre 60 anos e acima	212.420.000	15,50
Dos quais entre 65 anos e acima	137.550.000	10,10

Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

A população se concentra mais ao Leste, e a maior parte das principais atividades econômicas, nas regiões das duas grandes bacias hidrográficas nos rios Yang Tsé e Amarelo.

Mesmo fortemente centralizada, a estrutura governamental assegura um papel relevante na realização de investimentos aos entes locais, desde que inseridos nas diretrizes e comandos do governo central. Apesar de ser estudada como uma federação, em muitos aspectos, as soberanias dos entes provinciais e municipais encontram-se totalmente subordinadas ao comando do partido único, sem, contudo, eliminar os jogos de interesse regionais, entre os diversos entes com graus de manobra razoavelmente elevados, assemelhando-se muito mais a um país de organização unitária do que a um de organização federativa. Tampouco a existência de regiões autônomas é suficiente para definir uma organização federativa, o que não impede que, para analisar o desenvolvimento regional e o papel dos governos locais, seja apropriada uma abordagem federativa flexível.

Ao estudar a longa história da China, uma das primeiras questões a serem constatadas é o predomínio de dinastias e imperadores. O país vivenciou uma curta experiência republicana na primeira metade do século XX, em parte, abortada pela invasão japonesa. A partir de 1949, assume o poder o Partido Comunista, que comanda, desde então, através do Estado, os destinos do país (Fairbank e Goldman, 2008; Spence, 1996. O Partido Comunista chinês, com seus mais de 80 milhões de membros, é o órgão matricial do Estado e suas

políticas. As infinitas redes e instâncias que processam e executam as diretrizes do desenvolvimento são em grande medida articuladas pelo partido, o que não anula a existência de contradições entre grupos de interesse e os diversos níveis de governo local, provincial e central, por exemplo, na escolha e no dimensionamento de investimentos e no processo de endividamento.

Observe-se que as políticas de desenvolvimento regional que visam o desenvolvimento em direção ao interior e ao Oeste, e o surgimento de cidades de rápido crescimento, entre outras coisas, tendem a “horizontalizar” os conflitos econômicos e induzem o avanço da descentralização do poder.

### **3 O DESEMPENHO ECONÔMICO RECENTE DA CHINA**

#### **3.1 Crescimento econômico**

Segundo as autoridades chinesas, a economia do país estaria ingressando numa “nova normalidade”, com novos patamares das taxas de crescimento (mais moderadas), estabilidade e continuidade das reformas. Os líderes focam a indústria de alta tecnologia como estrategicamente importante para um novo padrão de crescimento, com maior ênfase no mercado interno, no consumo e no meio ambiente. Os ganhos de produtividade e competitividade obtidos pelo aprofundamento do progresso técnico permitiriam, também, fortalecer a China no cenário internacional, deixando-a mais imune à volatilidade financeira. Porém, parte considerável dos analistas identifica problemas internos coadjuvando com a desaceleração do crescimento – por exemplo, limitações salariais e creditícias para o aprofundamento do mercado interno pela via do consumo e, não menos importante, dúvidas sobre a saúde do sistema bancário. De qualquer forma, o desempenho dos últimos quatro anos, quando comparado ao de outros países, especificamente ao Brasil, ainda é impressionante, consideradas as escalas da economia chinesa.

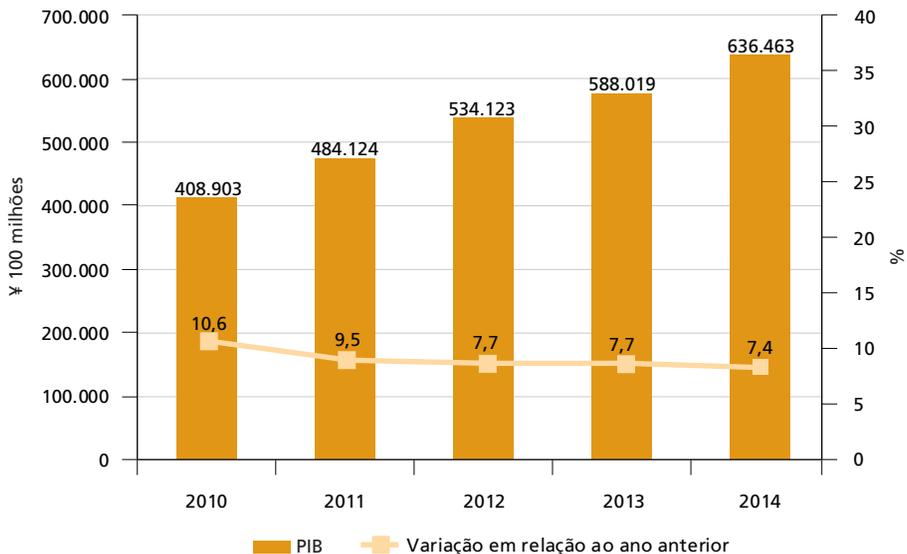
As taxas de crescimento desde 2010 passaram de 10,6% para 7,4% em 2014. Esse patamar é mantido desde 2012, embora de 2013 a 2014 tenha havido ligeira redução. É difícil fazer prognósticos, muitas vezes os efeitos dinâmicos da desaceleração cíclica são subestimados. Assim, é possível que um patamar em torno de 6% venha a se estabelecer. Embora prognósticos sobre o futuro sejam complicados e, admitindo que muitos pensam que as taxas de crescimento irão cair ainda mais, para efeitos das conexões deste artigo basta considerar que os patamares atuais são significativamente menores do que aqueles que prevaleciam até 2010. Seja como for, nesta fase da economia mundial e de encolhimento das taxas de crescimento, está em jogo a capacidade de as autoridades chinesas realizarem ajustes macroeconômicos de natureza anticíclica, dado seu comando sobre as condições de financiamento e direcionamento do capital estatal.

*A fortiori*, estará em jogo, também, a capacidade do planejamento estatal em alterar a dinâmica cíclica produzida endogenamente, mas organicamente ligada à sombria economia mundial. Parece óbvio afirmar que, observando a tendência declinante do crescimento nos últimos anos, a estabilização do “novo normal” só irá ocorrer quando por um ou dois anos o desempenho for igual ou superior ao do ano anterior.

Há bons motivos para visualizar sinais de esgotamento da indústria manufatureira baseada em baixos salários sediada na China (as quais já vêm sendo deslocadas para outras partes da Ásia); as alterações no mercado de trabalho, em virtude das mudanças demográficas, e a elevação dos salários reais, tendem a invalidar a permanência neste campo da indústria. O caminho para outro perfil industrial já está sendo trilhado e é palpável na alteração da pauta de exportações chinesas. Esta transição, que de certa forma é inerente à dinâmica industrial, ainda levará muito tempo, e desafia gestores e planejadores a arbitrar entre setores econômicos empregadores, de menor conteúdo tecnológico, e setores mais avançados, e, por enquanto, menos empregadores.

GRÁFICO 1

## PIB e taxas de crescimento (2010-2014)



Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

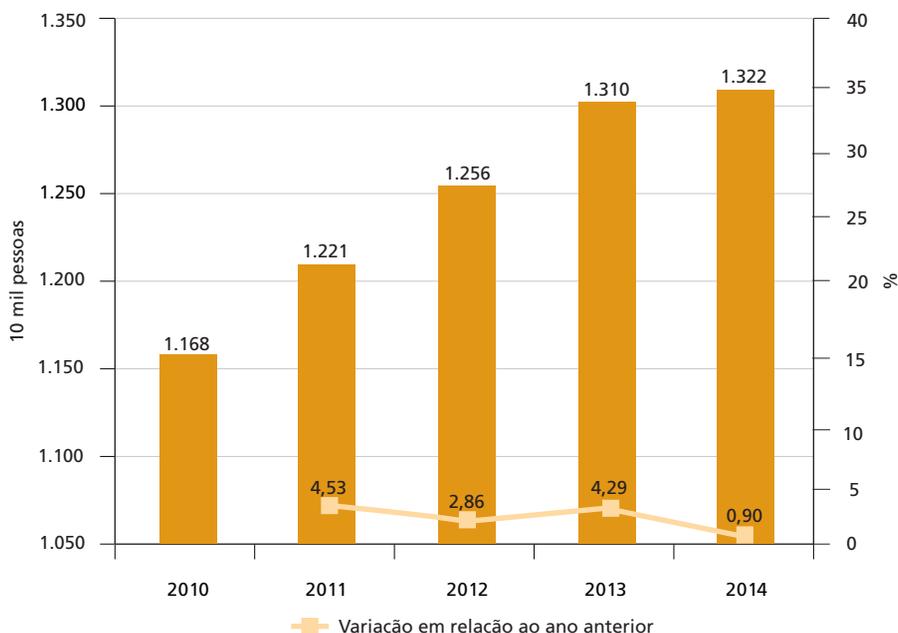
### 3.2 Emprego e produtividade

Em 2014, o emprego continuou crescendo, porém, em um ritmo decrescente em relação a 2013. Dos 772,5 milhões de empregados, 393,1 milhões são urbanos

(tendo sido verificado um acréscimo de 13,2 milhões em relação a 2013). O emprego rural constitui uma das especificidades do desenvolvimento chinês e, dentro deste, o emprego rural não agrícola gerado pelas empresas de cantão e povoado (*township and village enterprises*).<sup>5</sup> Segundo o Informe Anual 2015 de la Política China: “*La proporción entre los ingresos de los residentes urbanos y rurales disminuyó de 3,33:1 en 2009 a 3,03:1 en 2013. Y la pobreza rural pasó de 122 millones en 2011 a 82,5 millones en 2013*” (Observatorio de la Política China, 2015, p. 17).

De modo complementar, a produtividade global do trabalho tem-se incrementado constantemente, apresentando em 2014 um acréscimo de 7% em relação a 2013.

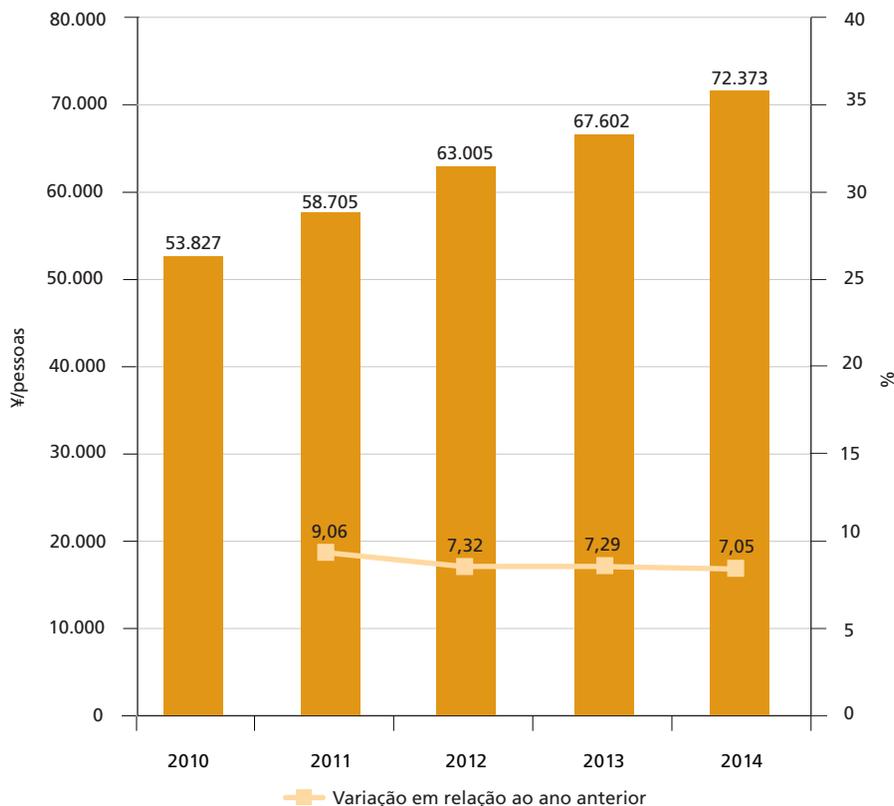
GRÁFICO 2  
Crescimento do emprego em áreas urbanas (2010-2014)



Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

5. A este respeito, Jabbour (2012, p. 274), além de fazer uma boa defesa, em sua tese de doutoramento, da via de desenvolvimento chinesa, ressalta a importância das *townships and village enterprises* (TVE). Naughton (2007) afirma que a idade de ouro das TVE se deu entre 1978 e 1996; neste último ano empregavam 136 milhões de pessoas. Ver também Ash (*apud* Islam, 2009). A partir de 1997 as mudanças estruturais decorrentes das privatizações alteraram seu desempenho.

GRÁFICO 3  
Produtividade global do trabalho (2010-2014)



Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

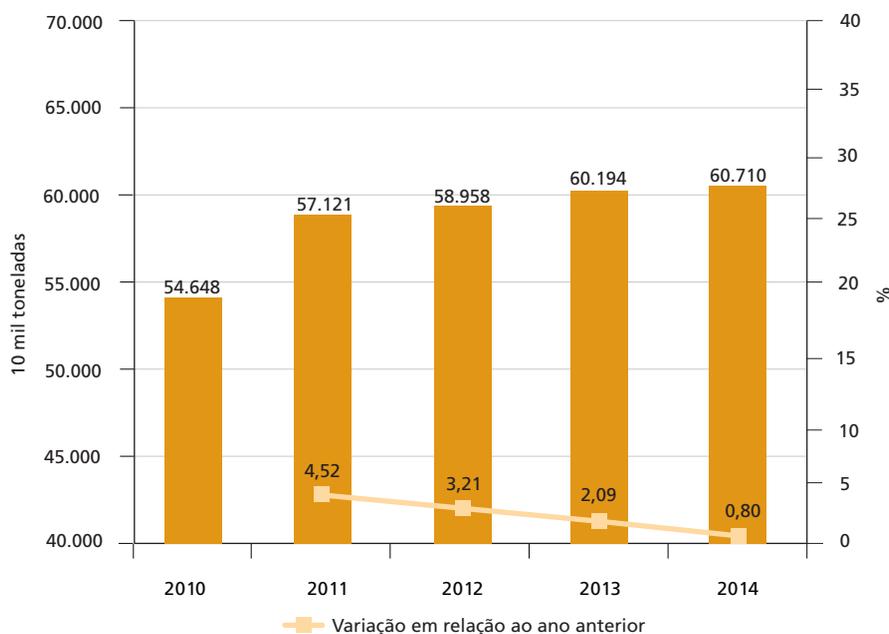
### 3.3 Produção agrícola

Em termos setoriais, a agricultura vem merecendo atenção com vistas a aumentar a produtividade, a variedade e a quantidade da produção agrícola. A dotação natural de terras e a enorme população rural não convergem para este objetivo, no entanto, os resultados têm sido muito importantes, ajudando a diminuir a pressão sobre a importação de alimentos. Entre as medidas de estímulo tem sido apontada sempre a liberalização para que os produtores e associados vendam nos mercados sua produção sem retenções estatais; no entanto, é também importante a aplicação orientada de tecnologia. Os resultados têm sido expressivos na produção de grãos e na produção animal, mas há também graves problemas que pairam sobre os processos produtivos domésticos referentes a contaminação, suspeitas de procedência dos produtos e corrupção.

Ao mesmo tempo, o desequilíbrio entre a produção doméstica de alimentos e de outras *commodities* industriais dependentes de recursos naturais e a demanda é responsável por uma parte consistente da estratégia internacional da China, envolvendo relações comerciais e considerações geopolíticas relativas a investimentos diretos no estrangeiro, ou seja, a carência interna induz ordenamentos específicos no cenário internacional, tendo a China como protagonista.

Na produção de grãos, houve importante crescimento entre 2010 e 2013, porém, em 2014, a produção apresentou discreto crescimento (passando de 60.194 para 60.710 milhões de toneladas).

GRÁFICO 4  
Safra de grãos (2010-2014)



Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

### 3.4 Produção industrial

O ritmo de expansão da produção industrial, entre 2010 e 2014, apresentou contínua desaceleração, tendo sido mais acentuada entre 2010 e 2012 (de 12,6% para 7,9%). No último triênio, a desaceleração tem sido mais discreta (de 7,9% para 7,0%).

Em termos intrassetoriais, em 2014, a indústria de mineração cresceu 4,5%, a indústria manufatureira, 9,4%, e a indústria de produção de energia e abastecimento de água, 3,2%. Neste desempenho geral, os seguintes ramos podem ser destacados: indústria alimentar, 7,7%; indústria têxtil, 6,7%; máquinas e ferramentas de uso geral, 9,1%; máquinas e ferramentas para usos específicos, 6,9%; indústria automobilística, 11,8%; computadores, equipamentos para comunicações e outros equipamentos eletrônicos, 12,2%. A taxa de crescimento, em 2014, das seis maiores indústrias consumidoras de energia, foi de 7,5%.

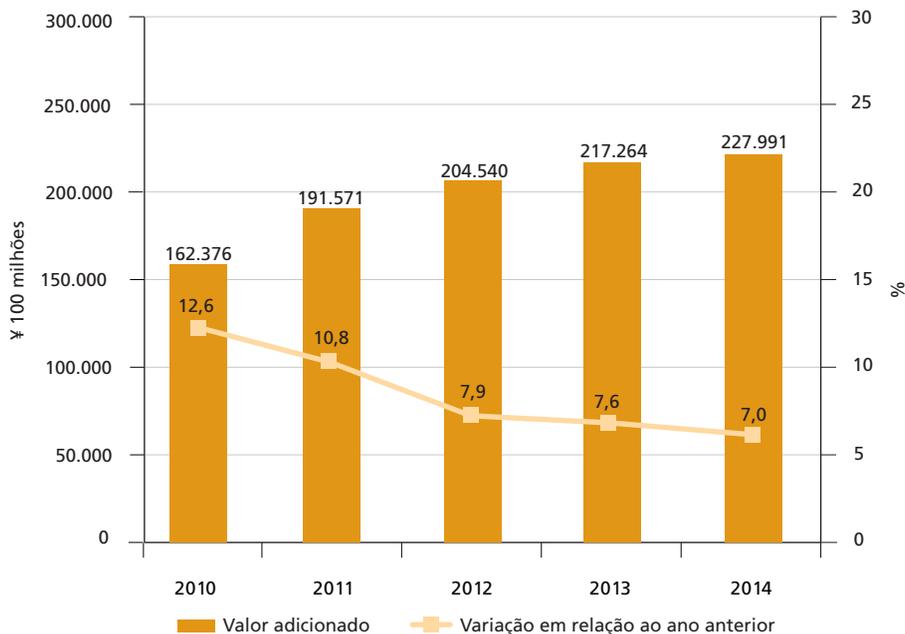
Por sua vez, em 2014, a indústria manufatureira de alta tecnologia cresceu 12,3%. Também cresceu a capacidade de geração de energia elétrica (8,7%). Nesse campo, destaca-se o crescimento da energia originada por usinas nucleares (36,1%). Isolando um pouco os fatores que pesam sobre a tendência declinante (e o conhecimento da experiência brasileira de desaceleração cíclica ao longo do II Plano Nacional de Desenvolvimento – PND, na segunda metade dos anos 1970), todos os desempenhos examinados ocorrem ainda a taxas robustas.

Considerado o universo das empresas industriais por tipo de propriedade, verifica-se que, em 2014: *i*) as empresas estatais e as *holdings* estatais cresceram 4,9%; *ii*) as empresas coletivas, 1,7%; *iii*) as sociedades anônimas, 9,7%; *iv*) as empresas de investidores estrangeiros (incluindo investidores de Hong Kong, Macau e Taiwan), 6,3%; e *v*) as empresas privadas, 10,2%. Dados mostram que a indústria cresce de modo integrado, comandada pelos setores e atores líderes (capital produtivo estatal e capital estrangeiro), e que existe uma forte integração e dependência produtiva e financeira de Hong Kong, Macau e Taiwan com a economia da China continental.

O governo chinês reconhece a importância estratégica da indústria de alta tecnologia e, para este fim, dedica de modo continuado recursos financeiros e humanos. Macedo (2012) faz uma análise abrangente da política industrial chinesa, seus desdobramentos em direção a novos patamares e as políticas mais específicas visando à produção endógena de progresso técnico. Braga, Oliveira e Wolf (2013) também discutem o crescente papel das indústrias de alta tecnologia e as intensivas em conhecimento e tecnologia dentro de um cenário maior de análise das grandes transformações e seus impactos no Brasil.

GRÁFICO 5

## Valor adicionado e taxas de crescimento das empresas industriais (2010-2014)



Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

TABELA 2

## China: produção total dos maiores produtos industriais e taxas de crescimento (2014)

Produtos	Quantidade	Produção	Variação em relação a 2013 (%)
Fiação	10 mil toneladas	3.379,2	5,6
Tecido	100 milhões de metros	893,7	-0,4
Fibras químicas	10 mil toneladas	4.389,8	5,5
Açúcar refinado	10 mil toneladas	1.642,7	3,1
Cigarros	100 milhões	26.098,5	1,9
Aparelhos de televisão	10 mil	14.128,9	10,9
Aparelhos de televisão LCD	10 mil	13.865,9	13,3
Geladeiras de uso doméstico	10 mil	8.796,1	-5,0
Aparelhos de ar condicionado	10 mil	14.463,3	10,7
Total de produção de energia primária	100 milhões de toneladas de carvão <i>standard</i> equivalente	36,0	0,5
Carvão	100 milhões de toneladas	38,7	-2,5
Óleo cru	100 milhões de toneladas	21.142,9	0,7
Gás natural	100 milhões de metros cúbicos	1.301,6	7,7

(Continua)

(Continuação)

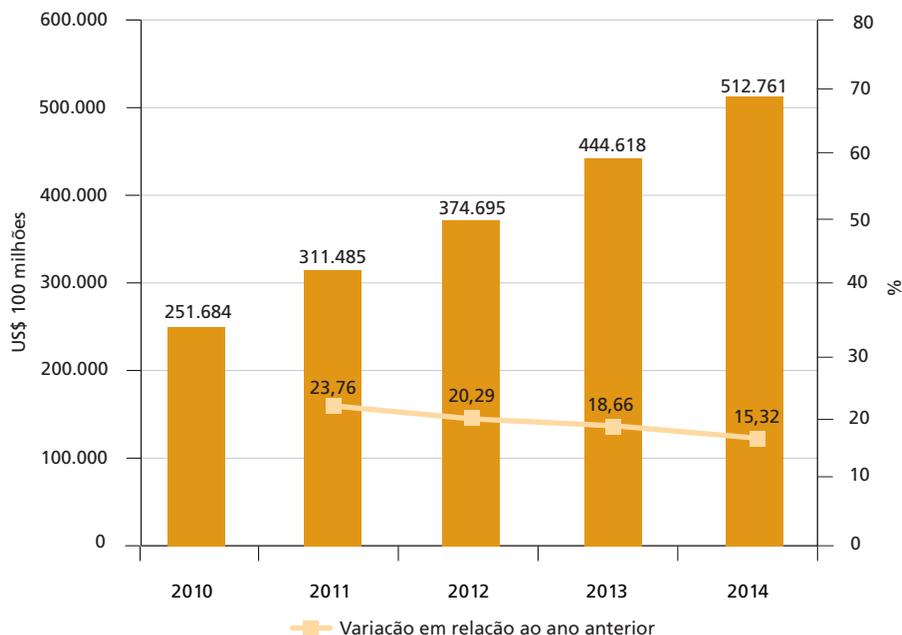
Produtos	Quantidade	Produção	Varição em relação a 2013 (%)
Eletricidade	100 milhões de quilowatts-hora	56.495,8	4,0
Energia térmica	100 milhões de quilowatts-hora	42.337,3	-0,3
Energia hídrica	100 milhões de quilowatts-hora	10.643,4	15,7
Energia nuclear	100 milhões de quilowatts-hora	1.325,4	18,8
Aço bruto	10 mil toneladas	82.269,8	1,2
Aço laminado	10 mil toneladas	112.557,2	4,0
Dez tipos de minérios não ferrosos	10 mil toneladas	4.380,1	7,4
Em cobre refinado	10 mil toneladas	764,4	15,0
Alumínio eletrolisado	10 mil toneladas	2.435,8	10,3
Óxido de alumínio	10 mil toneladas	4.777,3	7,3
Cimento	100 milhões de toneladas	24,8	2,3
Ácido sulfúrico (100%)	10 mil toneladas	8.846,3	8,5
Soda (freixo)	10 mil toneladas	2.514,2	3,4
Soda cáustica (100%)	10 mil toneladas	3.059,0	4,5
Etileno	10 mil toneladas	1.696,7	6,1
Fertilizantes químicos (100% equivalentes)	10 mil toneladas	6.887,2	-2,0
Equipamentos geradores de energia	10 mil quilowatts	15.053,0	6,0
Veículos a motor	10 mil	2.372,5	7,3
Automóveis	10 mil	1.248,3	3,1
Tratores grandes e médios	10 mil	64,4	-3,3
Circuitos integrados	100 milhões de peças	1.015,5	12,4
Circuitos integrados	10 mil linhas	3.123,1	15,7
Telefones celulares	10 mil	162.719,8	6,8
Microcomputadores	10 mil	35.079,6	-0,8

Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

### 3.5 Investimentos em ativos fixos

A taxa de investimentos em ativos fixos apresentou, entre 2011 e 2014, tendência declinante, saindo de 23% para 15%. Em 2014, seis setores responderam por 83,3% do total e apresentaram uma taxa de crescimento de 18,3%: *i)* manufatura; *ii)* mercado imobiliário; *iii)* tratamento de água, meio ambiente e bens públicos; *iv)* transporte, estocagem e distribuição; *v)* produção e oferta de eletricidade, aquecimento, gás e água; e *vi)* comércio atacadista e varejista. Do total, os investimentos privados em ativos fixos representaram 64,1%, sendo excluídos dessa conta os investimentos realizados por pessoas ou famílias do meio rural.

GRÁFICO 6  
Crescimento dos investimentos em ativos fixos (2010-2014)



Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

Segundo Kojima (2009 *apud* Islam, 2009, p. 109), há três principais atores a comandar investimentos neste campo: governos locais, desenvolvedores/incorporadoras e quatro bancos comerciais estatais (Agricultural Bank of China – ABC; People's Construction Bank of China – PCBC; Bank of China – BOC; Industrial and Commercial Bank of China – ICBC, chamados *big four*).

TABELA 3  
Investimentos em ativos fixos (sem as famílias rurais) e taxas de crescimento por setor (2014)

Setor	Investimentos (¥ 100 milhões)	Variação em relação a 2013 (%)
<b>Total</b>	<b>502.005</b>	<b>15,7</b>
Agricultura, silvicultura, pecuária e piscicultura	14.697	31,3
Mineração	14.681	0,7
Manufatura	166.918	13,5
Produção e oferta de eletricidade, calor, gás e água	22.916	17,1
Construção	4.450	27,2
Comércio atacadista e varejista	15.669	25,7

(Continua)

(Continuação)

Setor	Investimentos (¥ 100 milhões)	Varição em relação a 2013 (%)
Transporte, armazenagem e correio	42.984	18,6
Hospedagem e serviços de abastecimento	6.237	4,2
Transmissão de informações, serviços de computação e <i>software</i>	4.187	38,6
Bancos	1.360	10,5
Empreendimentos imobiliários	123.690	11,1
<i>Leasing</i> e serviços de negócios	7.970	36,2
Investigação científica e serviços técnicos	4.205	34,7
Conservação de água, meio ambiente e instalações da administração pública	46.274	23,6
Serviços a domicílio, manutenção e outros serviços	2.262	14,2
Educação	6.678	24,0
Saúde e serviços sociais	3.983	27,6
Cultura, esportes e entretenimento	6.192	18,9
Administração pública, seguridade social e organizações sociais	6.652	13,6

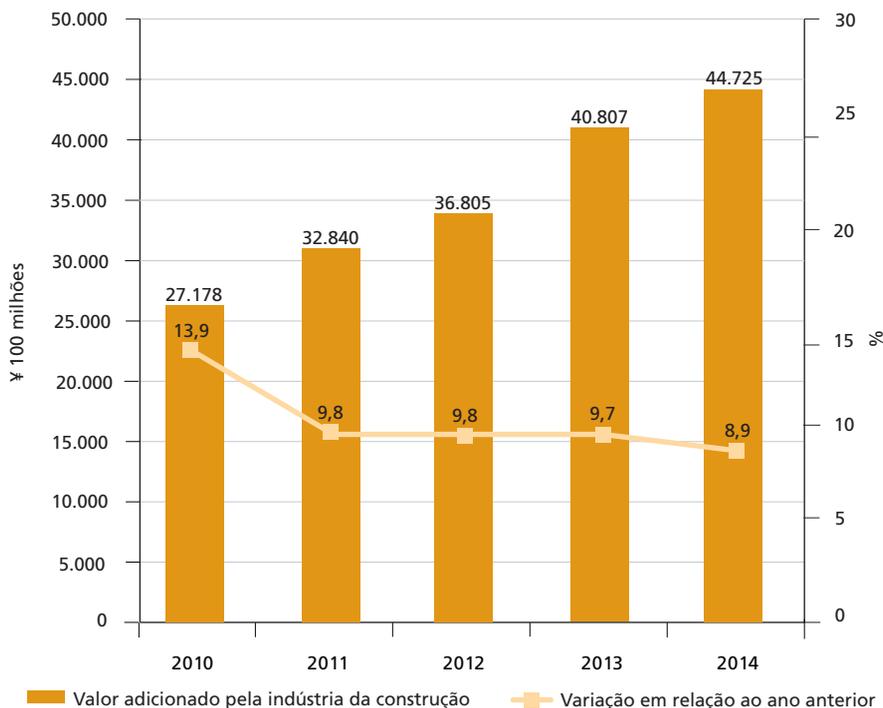
Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development National Bureau of Statistics of China.

### 3.6 Setor da construção residencial e comercial

Neste ramo, que é um dos carros-chefes do crescimento, são visíveis as marcas da exuberância irracional alavancada por crédito farto, especialmente nos níveis locais. É comum observar, em cidades pequenas, nas suas periferias, fileiras de construções de prédios residenciais, sem se visualizar um plano de ocupação equivalente. Sabe-se, porém, que em outras oportunidades o governo central conseguiu sanear bancos com passivos irrecuperáveis e que, atualmente, endureceu sua posição pela disciplina fiscal e financeira dos governos locais. Embora superiores às taxas de crescimento globais da economia, as taxas de crescimento da construção descrevem, entre 2010 e 2014, um movimento de desaceleração. O início da construção de prédios residenciais e a oferta de prédios comerciais, no último ano, recuaram 14,4% e 7,6%, respectivamente, tendo sido registrado também um recuo de 2,6% nas hipotecas pessoais.

GRÁFICO 7

## Valor adicionado e taxas de crescimento da indústria da construção (2010-2014)



Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

TABELA 4

## Principais indicadores de desenvolvimento imobiliário (2014)

Item	Unidade	Quantidade	Varição em relação a 2013 (%)
Valor do investimento	¥ 100 milhões	95.036	10,5
Edificações residenciais	¥ 100 milhões	64.352	9,2
90 m <sup>2</sup> ou menos	¥ 100 milhões	20.335	4,6
Obras em construção	10.000 m <sup>2</sup>	726.482	9,2
Edificações residenciais	10.000 m <sup>2</sup>	515.096	5,9
Obras recém-começadas	10.000 m <sup>2</sup>	179.592	-10,7
Edificações residenciais	10.000 m <sup>2</sup>	124.877	-14,4
Obras completadas	10.000 m <sup>2</sup>	107.459	5,9
Edificações residenciais	10.000 m <sup>2</sup>	80.868	2,7
Vendas de edifícios	10.000 m <sup>2</sup>	120.649	-7,6
Edificações residenciais	10.000 m <sup>2</sup>	105.182	-9,1
Fontes de capital no ano	¥ 100 milhões	121.991	-0,1
Empréstimos domésticos	¥ 100 milhões	21.243	8,0
Hipotecas individuais	¥ 100 milhões	13.665	-2,6

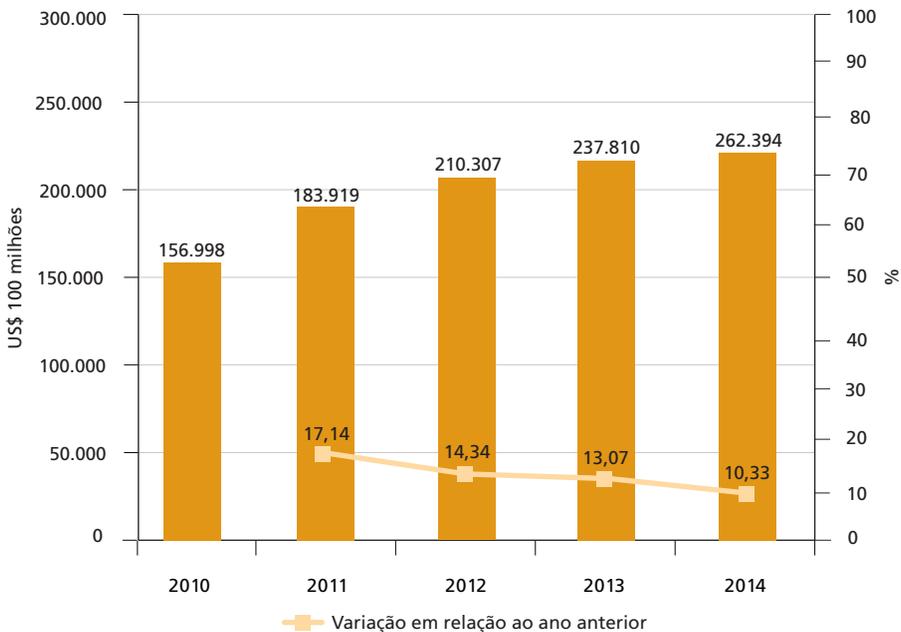
Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

### 3.7 Comércio doméstico

O comércio doméstico vem apresentando crescimento relativamente estável. As cidades dividiram com o campo uma expansão acima dos 10% entre 2013 e 2014 – 11,8% e 12,9%, respectivamente, do comércio varejista (gráfico 8). Vale destacar que, entre 2013 e 2014, a oferta de bens de consumo *on-line* cresceu 49,7%, reforçando a ideia de que esta modalidade mais e mais virá a ocupar um espaço relevante no comércio. Aponta-se que o comércio eletrônico pode suplantará a compra direta em grandes redes, por exemplo, pela possibilidade de amparar as decisões de compra em informações sobre procedência e qualidade dos produtos. Destaque-se o aumento expressivo dos serviços de correio e telecomunicações (19%).

GRÁFICO 8

Total de vendas a varejo de bens de consumo (2010-2014)



Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

Estima-se que os usuários de internet cheguem a 649 milhões de pessoas, dos quais 557 milhões possuem acesso móvel (com acréscimo, em 2014, de 56,72 milhões).

De modo complementar ao comércio doméstico, em termos de toneladas, em 2014 as cargas transportadas sofreram aumento de 7,1%. Por sua vez, o transporte de passageiros apresentou aumento de 3,9%, em número de pessoas. Também se verificou aumento de 10,7% no número de turistas domésticos.

**TABELA 5**  
**Tráfego de cargas por todos os meios de transporte e taxas de crescimento (2014)**

Item	Quantidade	Volume	Variação em relação a 2013 (%)
Total de tráfego de cargas	100 milhões de toneladas	439,1	7,1
Ferrovias	100 milhões de toneladas	38,1	-3,9
Rodovias	100 milhões de toneladas	334,3	8,7
Hidrovias	100 milhões de toneladas	59,6	6,4
Aviação civil	10 mil toneladas	593,3	5,7
Canais	100 milhões de toneladas	6,9	5,2
Fluxos de cargas	100 milhões t/quilômetro	184.619,2	9,9
Ferrovias	100 milhões t/quilômetro	27.530,2	-5,6
Rodovias	100 milhões t/quilômetro	61.139,1	9,7
Hidrovias	100 milhões t/quilômetro	91.881,1	15,7
Aviação civil	100 milhões t/quilômetro	186,1	9,3
Canais	100 milhões t/quilômetro	3.882,7	10,9

Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development National Bureau of Statistics of China.

**TABELA 6**  
**Tráfego de passageiros por todos os meios de transporte e taxas de crescimento (2014)**

Item	Quantidade	Volume	Variação em relação a 2013 (%)
Tráfego total	100 milhões de pessoas	220,7	3,9
Ferrovias	100 milhões de pessoas	23,6	11,9
Rodovias	100 milhões de pessoas	190,5	2,8
Hidrovias	100 milhões de pessoas	2,6	12,3
Aviação civil	100 milhões de pessoas	3,9	10,6
Fluxo de tráfego	100 milhões de pessoas/quilômetro	29.994,2	8,8
Ferrovias	100 milhões de pessoas/quilômetro	11.604,8	9,5
Rodovias	100 milhões de pessoas/quilômetro	11.981,7	6,5
Hidrovias	100 milhões de pessoas/quilômetro	74,4	8,9
Aviação civil	100 milhões de pessoas/quilômetro	6.333,3	12,0

Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

### 3.8 Relações econômicas externas

Em 2014, as exportações chinesas cresceram 4,9%; por sua vez, as importações caíram 0,6%. Em relação ao ano anterior, o saldo da balança comercial cresceu 45,9% e, desde 2010, 90,6%.

TABELA 7  
Saldo da balança comercial chinesa e taxa de crescimento (2010-2014)

Ano	Valor (¥ 100 milhões)	Varição em relação ao ano anterior (%)
2010	12.323	-
2011	10.080	-8,1
2012	14.558	44,4
2013	16.094	10,5
2014	23.489	45,9

Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.  
Elaboração do autor.

Num período marcado pelas dificuldades e o baixo desempenho econômico das principais economias capitalistas, a *performance* chinesa em comércio exterior, além de impressionar, indica um fenômeno generalizado, entre os países que mantêm comércio com a China, de substituição da produção doméstica por produção importada deste país. Ao mesmo tempo, como já é sabido, a capacidade de sustentar esses resultados durante fases diferentes da economia mundial lhe dá estabilidade monetária e uma certa folga para realizar ajustes internos visando enfrentar a desaceleração do crescimento, especialmente direcionar a produção industrial para setores de alta tecnologia, abrindo novas fronteiras de acumulação.

As exportações e importações de produtos de alta tecnologia sofreram um recuo, em 2014, de -1,0% e -2,2%, respectivamente. Entre os principais produtos da pauta de exportação, o setor de vestuário representa a principal rubrica, crescendo 4,2%; o de equipamentos de automação industrial e componentes informáticos recuou -0,1%; o de celulares e telefones para carros cresceu 20,2%; e o de aço laminado, 31,6%.

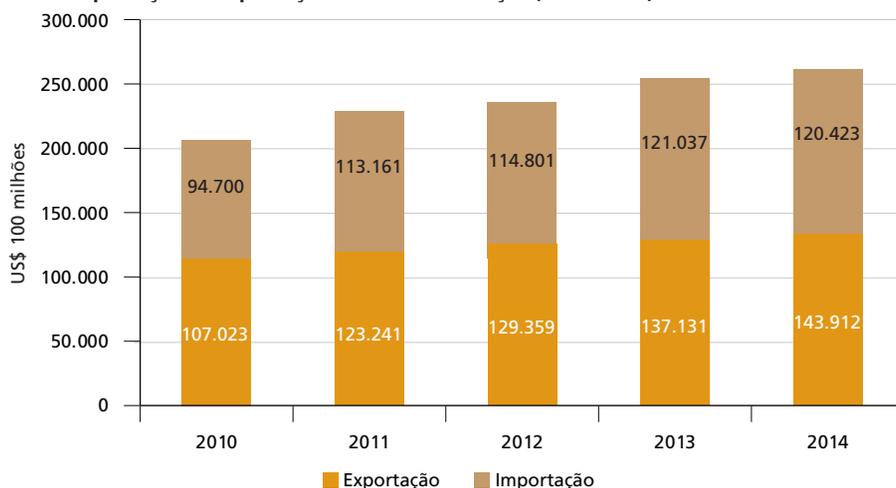
Na pauta de importações, destaca-se, em primeiro lugar, petróleo cru, com crescimento de 2,8% em 2014; em segundo lugar, minério de ferro, com um recuo de -12,8%; em terceiro lugar, material plástico, com crescimento de 4,0%; e, em quarto lugar, soja em grão, com crescimento de 5,0%. As importações chinesas de minério de ferro e de soja mostram uma “imagem de espelho” com relação às exportações brasileiras. A queda do minério de ferro aponta para uma diminuição no peso das grandes obras de infraestrutura, enquanto o aumento na soja, indica busca de melhoria na disponibilidade de alimentos (proteína vegetal) para a população, particularmente pelos seus impactos na pecuária. Isto pode explicar também a queda no transporte ferroviário verificada na tabela 5 em contraposição ao desempenho expressivo do transporte ferroviário de passageiros.

A pauta é dominada por *commodities* agrícolas e industriais. Essa dependência explica uma parte importante da estratégia de comércio exterior da China. Embora as importações de produtos mecânicos e eletrônicos, e os de alta tecnologia, ainda

sejam muito importantes, deve-se destacar o esforço da política industrial no sentido de substituir esses produtos que, no último ano, tiveram discreto crescimento de 0,7% e decréscimo de -2,2%. Nesta linha substitutiva, pode-se constatar o forte recuo da importação de óleos comestíveis e de petróleo e derivados refinados (-27,3% e -27,7%), indicando avanço na capacidade de refino e, portanto, a tentativa de endogenizar elos importantes das cadeias produtivas. Sem chegar a afetar os megassaldos comerciais, o país apresenta *deficit* na balança de serviços.

GRÁFICO 9

## Importações e exportações de bens e serviços (2010-2014)



Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

TABELA 8

## Valor total das importações e exportações de bens e taxas de crescimento (2014)

Item	Valor (¥ 100 milhões)	Varição em relação a 2013 (%)
<b>Total de importações e exportações de bens</b>	<b>264.334</b>	<b>2,3</b>
Exportações	143.912	4,9
Não processadas	73.944	9,6
Processadas	54.320	1,8
Produtos mecânicos e eletrônicos	80.527	2,6
Produtos de alta e nova tecnologia	40.570	-1,0
Importações	120.423	-0,6
Não processadas	68.162	-1,0
Processadas	32.211	4,5
Produtos mecânicos e eletrônicos	52.509	0,7
Produtos de alta e nova tecnologia	33.876	-2,2
Saldo	23.489	-

Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

**TABELA 9**  
**Principais produtos exportados em volume, valor e taxas de crescimento (2014)**

Item	Quantidade	Volume	Varição em relação a 2013 (%)	Valor (¥ 100 milhões)	Varição em relação a 2013 (%)
Carvão (incluindo lignito)	10 mil t	574	-23,5	43	-35,5
Aço laminado	10 mil t	9.378	50,5	4.350	31,6
Fios têxteis e artigos têxteis	–	–	–	6.888	3,8
Roupas e acessórios	–	–	–	11.445	4,2
Calçados	–	–	–	3.455	9,7
Móveis e componentes	–	–	–	3.195	-0,7
Máquinas automáticas para processamento de dados e componentes	10 mil unidades	191.836	2,6	11.159	-1,3
Aparelhos celulares e telefones para automóveis	10 mil unidades	131.199	10,6	7.085	20,2
Contêineres	10 mil unidades	302	12,1	553	13,0
Telas de cristal líquido	10 mil unidades	245.080	-25,0	1.952	-12,4
Veículos motorizados	10 mil unidades	90	-2,8	770	3,5

Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

**TABELA 10**  
**Principais commodities importadas em volume, valor e taxas de crescimento (2014)**

Item	Volume (10 mil t)	Varição em relação a 2013 (%)	Valor (¥ 100 milhões)	Varição em relação a 2013 (%)
Cereais em grãos e farelo	1.951	33,8	382	20,7
Soja não processada	7.140	12,7	2.474	5,0
Óleo vegetal comestível	650	-19,7	364	-27,3
Minério de ferro e concentrado	93.251	13,8	5.748	-12,8
Óxido de alumínio	528	37,7	118	35,5
Carvão (incluído lignito)	29.122	-10,9	1.366	-24,4
Óleo cru	30.838	9,5	14.017	2,8
Produtos refinados de petróleo	3.000	-24,2	1.439	-27,7
Plásticos em forma primária	2.535	3,0	3.167	4,0
Celulose	1.796	6,6	741	4,9
Aço laminado	1.443	2,5	1.101	4,0
Cobre e ligas de cobre	483	7,4	2.188	0,8

Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

Considerando os nove maiores países e regiões, exportadores e importadores da China, observa-se que os Estados Unidos e a União Europeia constituem os maiores parceiros. As exportações para a União Europeia aumentaram, em 2014,

8,3%, e, para os Estados Unidos, 6,4%, enquanto as importações aumentaram 9,7%, e 3,1%, respectivamente. Os números demonstram a importância estratégica desses mercados para os três parceiros, apontando para o fato de que a vinculação comercial constitui um forte argumento em favor de um prognóstico relativamente estável e negociável para a política monetária e cambial (da China). Desses países e conjunto de países, em 2014, Hong Kong e Japão diminuíram a demanda por exportações em -6,6% e -1,4%, respectivamente. Nesse mesmo ano, a China diminuiu as importações de Hong Kong (-21,5%), Índia (-4,6%), Taiwan (-3,9%) e Japão (-0,5%).

**TABELA 11**  
**Importações e exportações por maiores países e regiões e taxas de crescimento (2014)**

País ou região	Exportações (¥ 100 milhões)	Variação em relação a 2013 (%)	Importações (¥ 100 milhões)	Variação em relação a 2013 (%)
União Europeia	22.787	8,3	15.031	9,7
Estados Unidos	24.328	6,4	9.764	3,1
Asean	16.712	10,3	12.794	3,3
Hong Kong	22.307	-6,6	792	-21,5
Japão	9.187	-1,4	10.027	-0,5
Coreia	6.162	8,9	11.677	2,8
Taiwan	2.843	12,7	9.337	-3,9
Rússia	3.297	7,2	2.555	3,7
Índia	3.331	10,7	1.005	-4,6

Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

Obs.: Asean – Associação de Nações do Sudeste Asiático.

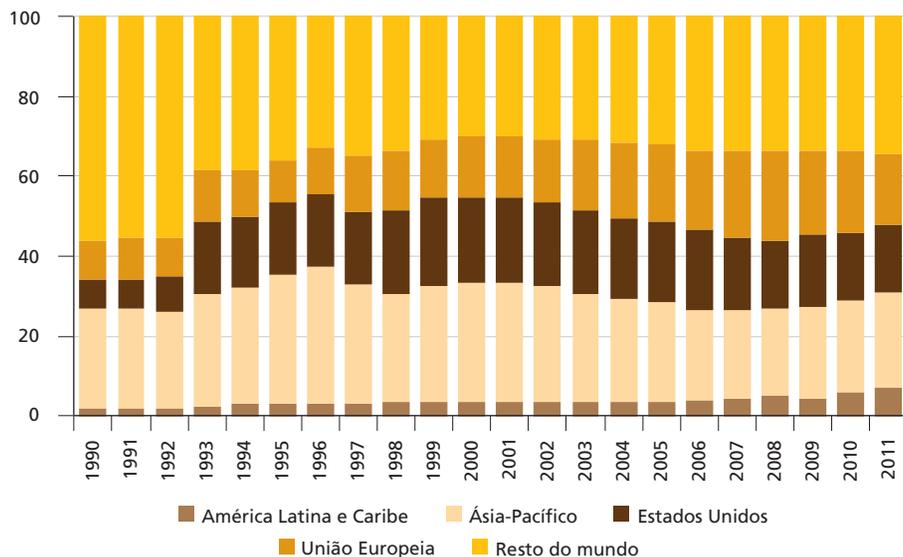
Ao mesmo tempo, olhando os nove maiores parceiros, verifica-se que os membros da Asean, Hong Kong, Japão, Coreia e Taiwan aparecem perfilados numa área de influência econômica crucial, onde cresce mais e mais o entrelaçamento produtivo, comercial e financeiro com a China e, também, a dependência dos humores desta. Observe-se que juntos representam mais da metade do comércio global chinês.

A América Latina tem uma participação muito baixa no comércio total da China, mesmo ganhando importância e apresentando as maiores taxas de crescimento enquanto mercado. Certamente, esta é uma das regiões do planeta onde as relações comerciais com o citado país oriental são mais assimétricas e afirmativas da condição periférica (gráfico 10).

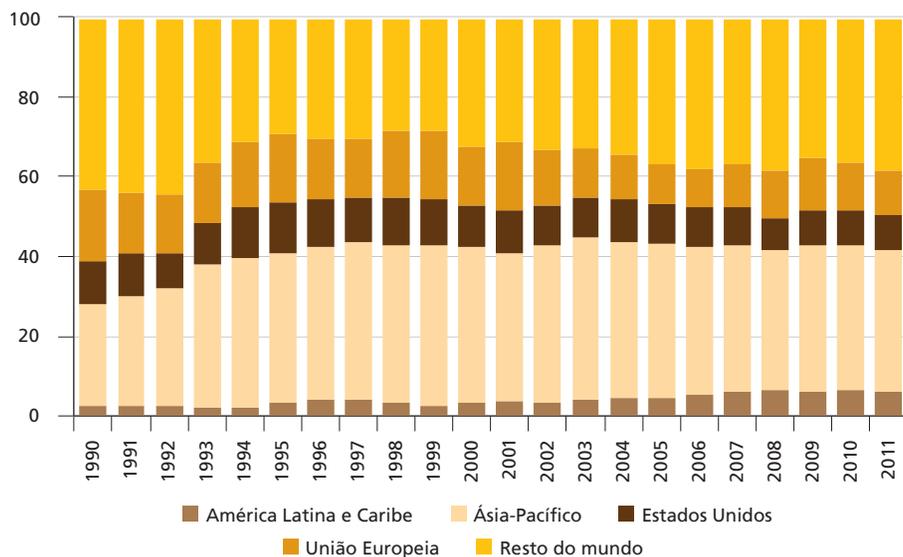
GRÁFICO 10

## Participação no comércio de parceiros selecionados (1990-2011)

## 10A – Exportações



## 10B – Importações

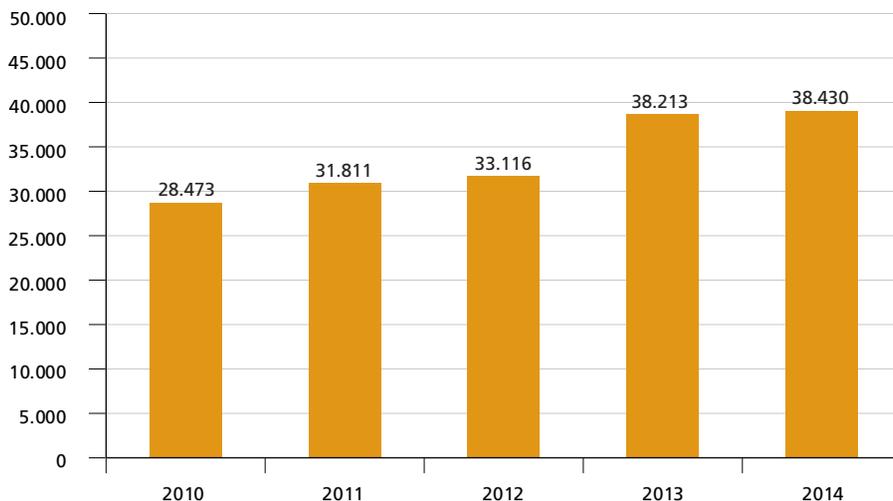


Fonte: Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

Obs.: Baseado no Sistema de Dados de Comércio das Nações Unidas (Comtrade).

Para fechar esta breve avaliação das relações externas, vale lembrar que, ao final de 2014, as reservas externas chinesas chegaram a 3,843 trilhões de dólares, tendo aumentado em 21,7 bilhões quando comparadas com o final de 2013, com uma ligeira apreciação cambial na ordem de 0,8%. Apesar dos seus valores absolutos expressivos, dados mais recentes apontam para uma queda nas reservas a partir de 2015.

GRÁFICO 11  
Reservas externas (2010-2014)  
(Em US\$ 100 milhões)



Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

### 3.9 Investimentos diretos estrangeiros

Em 2014, a quantidade de empresas estrangeiras com investimentos em setores não financeiros apresentou um crescimento de 4,4%, os valores investidos chegaram a 119,6 bilhões de dólares e aumentaram 1,7%. Os maiores investimentos ocorreram em manufatura, investimentos imobiliários, *leasing* e serviços comerciais, e comércio atacado e varejo. No entanto, este último apresentou um recuo de -17,8% e, também, a manufatura em -12,3% em relação a 2013.

**TABELA 12**  
**Valor total do investimento direto estrangeiro em setores não financeiros e taxas de crescimento (2014)**

Setor	Empresas	Varição em relação a 2013 (%)	Valor (US\$100 milhões)	Varição em relação a 2013 (%)
Agricultura, silvicultura, pecuária e piscicultura	719	-5,0	15,2	-15,4
Manufatura	5.178	-20,4	399,4	-12,3
Produção e oferta de eletricidade, gás e água	208	4,0	22,0	-9,3
Serviços de transporte, armazenagem, correio e telecomunicações	376	-6,2	44,6	5,7
Transmissão de informações, serviços de computação e <i>software</i>	981	23,2	27,6	-4,4
Comércio atacadista e varejista	7.978	8,6	94,6	-17,8
Empreendimentos imobiliários	446	-15,9	346,3	20,2
<i>Leasing</i> e serviços de negócios	3.963	18,0	124,9	20,5
Serviços a domicílio e outros serviços	181	9,0	7,2	9,3
<b>Total</b>	<b>23.778</b>	<b>4,4</b>	<b>1.195,6</b>	<b>1,7</b>

Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

### 3.10 Investimentos chineses no exterior

Em 2014, os investimentos chineses no exterior atingiram 102,8 bilhões de dólares, representando um acréscimo de 14,1%. Em termos absolutos, os investimentos na exploração de minérios se destacam, embora tenham sofrido recuo de -4,1%. Caso sejam consideradas as carências decorrentes de sua geografia, é possível entender a importância estratégica do acesso, no exterior, à produção de minérios, alimentos, energia elétrica, gás e água. Observe-se que, em 2014, a China foi exportadora líquida de capitais.

**TABELA 13**  
**Valor total dos investimentos diretos chineses no estrangeiro e taxas de crescimento (2014)**

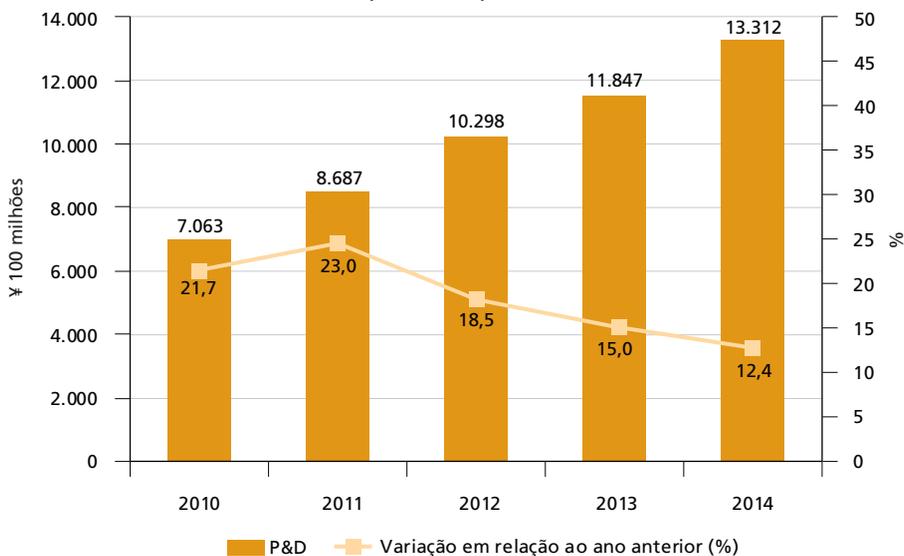
Setor	Investimentos diretos no estrangeiro (US\$100 milhões)	Varição em relação a 2013 (%)
Agricultura, silvicultura, pecuária e piscicultura	17,4	19,2
Mineração	193,3	-4,1
Manufatura	69,6	-19,8
Produção e oferta de eletricidade, gás e água	18,4	36,3
Construção	70,2	7,5
Comércio atacadista e varejista	172,7	26,3
Serviços de transporte, armazenagem, correio e telecomunicações	29,3	17,2
Transmissão de informações, serviços de computação e <i>software</i>	17,0	100,0
Empreendimentos imobiliários	30,9	45,8
<i>Leasing</i> e serviços de negócios	372,5	26,5
<b>Total</b>	<b>1.028,9</b>	<b>14,1</b>

Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

### 3.11 Gastos em pesquisa e desenvolvimento (P&D)

Desde 2011, esses gastos vêm aumentando a taxas declinantes. Neste ano, houve aumento de 23%, já em 2014, o aumento foi de 12,4%. O gasto total em, aproximadamente, 216,4 bilhões de dólares representa 2,09% do PIB. Embora venha crescendo de modo significativo, o número de patentes aprovadas ou em fase de aprovação ainda pode ser considerado baixo se comparado a outros países desenvolvidos, e muitos analistas apontam que os números são dominados por patentes insignificantes ou meramente adaptativas. De qualquer forma, a produção acadêmica e os centros de pesquisa vêm galgando espaço no cenário internacional, e algumas universidades já aparecem entre as melhor ranqueadas no mundo (Tinghua University, por exemplo). De modo geral, não têm sido poupados esforços no sentido de importar *expertise* e pesquisadores, e formar quadros no exterior.

GRÁFICO 12  
Gastos em atividades de P&D (2010-2014)



Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

**TABELA 14**  
**Número de solicitações de patentes aceitas, autorizadas e em vigor e taxas de crescimento (2014)**

Item	Patentes (10 mil)	Varição em relação a 2013 (%)
Patentes aceitas	236,1	-0,7
Domésticas	218,6	-1,0
Para novas invenções	92,8	12,5
Domésticas	79,0	13,9
Patentes autorizadas	130,3	-0,8
Domésticas	119,2	-1,5
Para novas invenções	23,3	12,3
Domésticas	15,8	14,1
Patentes em vigor ao final do ano	464,3	10,7
Domésticas	391,8	11,1
Para novas invenções	119,6	15,7
Domésticas	66,3	21,7

Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

### 3.12 Alguns comentários gerais

Os números apresentados são eloquentes e demonstram que a China, apesar do declínio da expansão, até agora está numa situação confortável no que se refere aos graus de manobra da política econômica e à estratégia de crescimento e mudança estrutural. A estabilidade, inclusive dos preços relativos, é consequência de políticas industriais e de comércio exterior que, para os tempos latino-americanos, já vão ficando longevas.

O processo de abertura, iniciado no final dos anos 1970, buscou desenvolver a estrutura industrial com participação do capital estrangeiro e, simultaneamente, inserir o país no cenário internacional, como grande exportador de produtos industriais. Os objetivos de mudança estrutural (desenvolvimento industrial) e inserção internacional foram atingidos num só golpe no espaço de quase quarenta anos. Os saldos da balança comercial e o investimento direto estrangeiro foram cruciais para driblar crises cambiais, estabilizar a taxa de câmbio e sustentar a demanda por importações, decorrente da dinâmica do processo de substituição de importações. Ao mesmo tempo, a mudança estrutural na indústria vai modificando a pauta de exportações, com elevação do peso relativo de bens de produção e de consumo com maior valor agregado.

Por sua vez, o padrão de financiamento que prevaleceu durante todo esse período é público e contrário ao endividamento externo. O poder econômico e político que acumula o Estado lhe permite praticar ativa repressão financeira

e manter sob controle os fluxos internacionais de capitais, evitando crises do balanço de pagamentos e fluxos de capitais de curto prazo.

De modo complementar, é interessante indagar como as características anteriores – de fortes controles e presença pública – poderão conviver com o desenvolvimento e o aprofundamento do mercado de capitais, e a possível eliminação de barreiras entre os diversos tipos de propriedade presentes na economia chinesa. Os chamados porta-vozes do mercado criticam as diversas intervenções no mercado de ações, mas, ao mesmo tempo, permitir o livre movimento de queda poderia consagrar as desconfianças nacionais e internacionais a respeito da dessa economia na atual conjuntura. *A fortiori*, para além das bolsas e dos mercados de capitais, interessa indagar como serão produzidos os alinhamentos de interesses entre os vários tipos de propriedade e empreendimentos – entre os diversos blocos de capital – num cenário duradouro de redução do crescimento mundial e de maior ênfase ao mercado interno e o consumo.

Os diferentes atores com capacidade de comando sobre o capital, à medida que seu patrimônio cresce, vão mudando suas expectativas sobre o futuro e, provavelmente, abandonando o ideário socialista. Não é preciso chegar ao nível dos interesses de prazo mais longo; os possíveis desalinhamentos podem explicitar-se com relação ao papel do capital estrangeiro ou, como já vem acontecendo desde o início, entre aqueles que pregam nas reformas uma liberação radical e os que pregam a prudência, o experimentalismo e o controle.

#### **4 AS CONEXÕES DO DESENVOLVIMENTO CHINÊS: QUESTÕES SOBRE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA**

Para todos aqueles que se formaram nas escolas de desenvolvimento latino-americanas, o estudo sobre a China e suas transformações é, no mínimo, instigante. De alguma forma, nessas escolas, seus aprendizes descobrem que a constituição de processos industriais endógenos e a incorporação de progresso técnico permitem agregar valor à riqueza produzida e, por esta via, reposicionar os países no cenário internacional, ajudando a romper as barreiras decorrentes da condição periférica. Maior capacidade endógena de acumulação permitiria estruturar melhor o mercado de trabalho e gerar empregos produtivos, base para poder produzir desdobramentos no campo da proteção social. Mas pouca atenção se dá, em geral, nessas escolas, ao estudo do Estado enquanto formação política organizada que reflete (e altera) a correlação de forças existente na sociedade e é, em muitos casos asiáticos, protagonista dos rumos do desenvolvimento seguidos por esses países.

Numa primeira aproximação, é possível afirmar que a via de desenvolvimento seguida pela China, desde o final dos anos 1970, reúne boa parte dos elementos considerados relevantes para a industrialização pelas escolas de desenvolvimento

latino-americanas: *i*) intencionalidade das políticas industriais; *ii*) geração endógena de progresso técnico; *iii*) abertura econômica inserida num projeto de desenvolvimento; *iv*) crédito direcionado; *v*) controle da conta-capital do balanço de pagamentos com restrições ao capital especulativo; e *vi*) uma política comercial externa orientada para produzir saldos elevados de qualidade e entrada de divisas (o que deu sustentação à estratégia).<sup>6</sup> Talvez escape a muitas dessas escolas que a experiência chinesa (única, como cada experiência) confirma os difíceis contornos entre Estado e mercado, já que pouco teria acontecido se não fosse a presença de um extenso setor produtivo estatal e um sistema de financiamento público (Carvalho, 2013).

Chamam a atenção dois aspectos do desenvolvimento chinês. Primeiro, a complexidade da estratégia, dada a capacidade de compor a via de desenvolvimento, por praticamente todas as políticas setoriais possíveis, de modo complementar e coordenado. Tudo precisava acontecer ao mesmo tempo: no cenário externo e no interno, envolvendo políticas macroeconômicas, políticas industriais, políticas financeiras e creditícias. O desenho e a gestão desse conjunto de intervenções couberam ao partido, bem como ao sistema de planejamento centralizado e a uma sofisticada área técnica treinada em universidades da China, dos Estados Unidos e da Europa. Segundo, a permanência das opções seguidas ao longo do tempo e, dentro desses parâmetros originalmente definidos no fim dos anos 1970, a produção de ajustes e a adaptação às questões que vão sendo colocadas pelo avanço material. Este traço do desenvolvimento chinês (talvez ancestral) está vinculado ao partido e a especificidades do regime político. Observe-se que o crescimento acelerado não significou necessariamente um “capitalismo selvagem” porque, gostando ou não, o forte controle exercido sobre a população evitou seu livre movimento e a formação de favelas. Isto não impediu a produção de novos pobres urbanos úteis às manufaturas globalizadas.

Não parece correto enveredar por duas qualificações frequentes dadas ao desenvolvimento chinês: uma que afirma que houve uma derrocada do socialismo e que as elites se curvaram ao capitalismo, e outra que se refere a um capitalismo de estado tecnoburocrático autoritário como expressão do modelo chinês, anulando o papel histórico do socialismo. Neste sentido, é recomendável, até prova em contrário, seguir a nomenclatura do governo que afirma tratar-se de um modelo de socialismo de mercado com características chinesas. Sua base socialista remete ao Estado e à dimensão do seu domínio sobre o capital produtivo, financeiro, sobre a terra e a população. Nomenclaturas à parte, o capital estrangeiro não parece ter-se assustado com a supremacia do Estado na trajetória do gigante

---

6. É importante citar, ainda, sob comando de Mao Tsé-Tung, a aproximação estratégica com os Estados Unidos e o encontro em Pequim com o presidente Nixon, em 1972, para debilitar o possível avanço soviético sobre o território chinês. Para um enfoque americano desta aproximação, ver Kissinger (2011).

e, muito menos, proferir teses aparentadas com a ideia de *crowding out*. Mas a questão central é que as características chinesas remetem à existência de um projeto de desenvolvimento nacional que, ao tempo que se renova, vai reforçando seus traços de permanência.<sup>7</sup>

Até os anos 1970, a China era uma formação socialista que, sob certo olhar econômico, poderia ser considerada periférica (Jabbour, 2012, p. 100). A maior parte da população vivia no campo em condições relativamente homogêneas de pobreza, e, apesar de unificado, o território e suas regiões apresentavam integração frágil em virtude do baixo desenvolvimento das forças produtivas. O país possuía alguma base industrial pesada (herdada do grande salto adiante) (Milaré e Dieguesb, 2012) e domínio sobre algumas cadeias na produção de armas, dotando suas forças militares de poderio bélico para proteger o território, embora sem autonomia tecnológica. Mesmo representando uma formação social diferente daquelas da periferia capitalista, tratava-se de um país de terceiro mundo, com a maior população do planeta, um extenso território e um PIB marcado pelo baixo valor agregado.

A partir do final da década de 1970, o país inicia uma série de mudanças profundas na sua via de desenvolvimento, abrindo espaço para o capital e os mercados, os quais vieram com reformas econômicas implementadas gradualmente e com extrema prudência. A química responsável por esta mudança de coordenadas foi produzida no interior do Partido Comunista e das forças armadas, por um grupo que se tornou hegemônico após a derrota da chamada *gangue dos quatro* e o fim da Revolução Cultural. Certamente, as decisões tomadas (o que fazer e o que não fazer), a combinação de gradualismo e experimentalismo, valiam-se de outras experiências internacionais, tais como a industrialização e a modernização do Japão e dos Tigres Asiáticos, o desmoronamento da União Soviética e dos países do Leste Europeu após medidas econômicas e políticas radicalmente executadas e, na visão sobre a produção, consumo de massa e modernização, os destinos do capitalismo americano.

Os caminhos seguidos pela China, após a década de 1970, buscaram superar as limitações impostas pelo baixo desenvolvimento das forças produtivas. A industrialização e o passo atrás (Jabbour, 2012, p. 172) – o capital e os mercados – permitiriam melhorar e aumentar a riqueza produzida e alavancar processos distributivos mais eficazes, qualitativamente superiores, visando ao bem-estar da população. Não existem casos, pelo menos de países continentais, onde o desenvolvimento das forças produtivas, mediante a industrialização, não tenha ampliado e melhorado os padrões de distribuição em relação aos tempos

---

7. Jabbour (2012) analisa o desenvolvimento chinês conectando as reformas pós-Deng à necessidade de uma formação socialista desenvolver as forças produtivas com ampla participação do capital. Ver também Oliveira (2011).

pré-industriais. Deng Xiaoping colocou de modo muito claro o porquê dos novos caminhos: não havia como sustentar um regime que não conseguisse elevar de modo consistente o nível de vida do povo, encurralado no atraso econômico.

Seguindo uma linha gradualista persistente, através de reformas e abertura prudente, usando as zonas especiais como plataformas de experimentação (com destaque, em primeiro lugar, para as diversas formas de associação com o capital estrangeiro e os mecanismos de transferência de tecnologia), as transformações ocorreram de modo acelerado e sustentado pelo comando econômico do Estado.

A sociedade também mudou, suscitando novas questões e problemas cujas soluções podem vir a ser determinantes para a sobrevivência do regime socialista, num patamar inédito ou numa etapa superior (segundo os dirigentes chineses a etapa do socialismo primário – que prioriza o desenvolvimento das forças produtivas – se esgotaria pelos anos 2050). A trajetória chinesa, pelo menos desde 1949, faz renascer o velho debate sobre reforma ou revolução. Mao, durante a revolução cultural, de modo radical e simplista, tentou impor uma ética igualitária, sem riqueza, paradoxalmente próxima ao estilo de vida budista. Deng Xiaoping, em troca, propôs, para produzir uma profunda mudança estrutural, o gradualismo e o caminho das reformas. Mas, numa avaliação histórica, o reformismo produziu mudanças revolucionárias que aceleraram o tempo histórico pela intensa industrialização e urbanização geradas.

Apesar de ser membro dos BRICS,<sup>8</sup> grupo de países em desenvolvimento chamados emergentes, a China alcança, com seu PIB, o segundo lugar entre todos os países do planeta. Sob a ótica econômica, ela mantém relações ao estilo centro-periferia com todos os países em desenvolvimento, alguns desenvolvidos (por exemplo, Austrália), além dos outros membros dos BRICS; isto é, exporta produtos industrializados e importa *commodities* agrícolas e industriais. Caso a China consiga resolver os impasses entre a sustentação de uma indústria manufatureira, de baixos salários, com bons resultados no exterior e, de outro lado, a transição para uma estrutura industrial dominada endogenamente pela alta tecnologia, há boas chances de que, para muitos países, isto signifique desindustrialização e reprimarização, talvez definitivas.<sup>9</sup>

---

8. Bloco econômico formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. China mantém uma postura ativa, tendo sido protagonista da criação de um banco de desenvolvimento do bloco e do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura. Uma boa forma de dar um sentido produtivo às enormes reservas acumuladas, seu ativismo financeiro interno pode desdobrar-se na política externa ajudando ou comandando a criação de agências de financiamento para o desenvolvimento. São as diversas facetas da trajetória do desenvolvimento: marcado agora pela exportação de capital.

9. Braga, Oliveira e Wolf (2013, p. 76) afirmam, focados no Brasil, que o “efeito China” obriga a rediscutir o conceito centro-periferia.

O tamanho da população chinesa e a rápida alteração de sua pirâmide demográfica<sup>10</sup> fazem desta nação um caso singular, com escalas difíceis de serem apreendidas pelos analistas. Por trás dessa mudança, encontram-se as transformações econômicas e sociais; mas, também, parte importante dessa complexa dinâmica é resultado de políticas regulatórias sobre o comportamento da população, com destaque para a regra do filho único e o sistema *hukou*.<sup>11</sup> Hoje crescem os temores sobre o impacto negativo do rápido envelhecimento dos indivíduos no mercado de trabalho, com redução da população ativa, em 2014, de -3,7% (Observatorio de la Política China, 2015). O governo vai progressivamente afrouxando a política do filho único, mas as famílias, tal qual nos países desenvolvidos, demonstram pouca propensão a ter mais filhos, por falta de tempo ou insegurança econômica, de modo que até agora a mudança demográfica parece irreversível.

Por sua vez, os fluxos migratórios em direção às cidades (em números inéditos na história da humanidade) não redundaram em formação de aglomerados urbanos carentes de serviços básicos e de políticas públicas, embora tenham sido determinantes para sustentar o padrão salarial baixo.<sup>12</sup> Neste sentido, a trajetória deste país difere, por exemplo, do que ocorreu no Brasil durante o chamado “milagre”, em que as elevadas taxas de crescimento e urbanização vieram acompanhadas da formação de periferias urbanas e favelas totalmente à margem de saneamento, infraestrutura básica e políticas sociais (Reinoso, 2008). No entanto, o padrão de urbanização que se seguiu à industrialização na China foi também altamente concentrado, fazendo das megalópoles populosas centro de poder econômico nacional e regional, dando pouco espaço para o desenvolvimento autônomo de cidades médias.<sup>13</sup>

Com as transformações capitalistas em curso, em níveis inéditos de concentração e centralização do capital, numa formação socialista sob o comando do Partido Comunista, veio a elevação dos níveis de desigualdade, entre salários e lucros, no interior da estrutura salarial e entre o meio rural e o meio urbano (embora essa distância esteja diminuindo). Parte dos desafios que se colocam dizem respeito à tarefa de reduzir as distâncias sociais e assegurar as condições para a paz social e a longevidade do sistema.

---

10. Para uma discussão sobre as rápidas mudanças demográficas e o bônus demográfico na China, ver Peng (2009); e Lee, Qinjun e Syed (2013).

11. Sistema de registro de residência, limitador da mobilidade populacional. Originariamente, em 1958, seguia as diretrizes maoístas de produzir uma industrialização sem urbanização e, a partir de 1980, foi sendo alterado para regular os fluxos migratórios de mão de obra em direção às cidades. A esse respeito, ver Nabuco (2012).

12. Sobre a condição de vida e baixos salários de jovens trabalhadoras migrantes em diversas manufaturas, ver Chang (2010).

13. Tella (2013) analisa o processo de urbanização e renovação de Pequim a partir da Olimpíada de 2008. Naughton (2007, p. 22) apresenta as maiores cidades e suas respectivas áreas de influência. É necessário reconhecer, também, que há autores que enxergam nas cidades novas, fortes em serviços, importantes fontes para o crescimento do consumo.

Sabe-se que uma parte relevante dessa tarefa depende da qualidade dos postos de trabalho ofertados, e que o governo dirige seus esforços para transitar de uma etapa “*made in China*” para uma “*created in China*”, ciente do esgotamento das indústrias intensivas em trabalho. Nas últimas décadas, as indústrias chinesas de alta tecnologia e intensivas em conhecimento e tecnologia ganharam espaço na economia mundial e chegaram a desbancar, em alguns casos, países como Estados Unidos e Alemanha.

Entretanto, apesar do progressivo esgotamento do papel dinâmico das indústrias intensivas em trabalho, elas ainda empregam milhares de trabalhadores que muito dificilmente poderão vir a ser empregados nas novas atividades de ponta. É certa, portanto, a necessidade de combinar, por bastante tempo, ainda, os dois tipos de atividades, o que, por sua vez, acabará consagrando uma divisão no mundo do trabalho, que freia ou bloqueia a mobilidade ascendente dos trabalhadores, principalmente, os da indústria intensiva em trabalho, afastando do horizonte sua transformação numa nova classe média, reino por excelência dos trabalhadores mais qualificados e melhor remunerados.

Não é trivial sincronizar temporalmente a transformação produtiva com o mundo do trabalho e, assim, enfrentar os dilemas decorrentes da introdução de inovações, com a consequente desqualificação ou eliminação de postos de trabalho menos produtivos e de bom desempenho global.

A elevação dos salários *pari passu* à elevação da produtividade enquanto tendência é uma das facetas da mudança estrutural ocasionada pela industrialização e seus avanços em direção a atividades de maior conteúdo tecnológico. O panorama demográfico tende a reforçar essa tendência. Observe-se que a elevação dos salários tende a afetar a competitividade de uma parte relevante das exportações atuais, jogando pressão sobre a taxa de câmbio, numa direção contrária ao que muitos no mundo desejam.

Estas questões relativas à elevação salarial e reversão das vantagens de um modelo de acumulação com mão de obra abundante são colocadas quando ainda a estrutura industrial chinesa é muito nova e tem bastante caminho para trilhar. A redução do crescimento poderá retardar os possíveis impasses a serem gerados (pelo próprio sucesso da via de desenvolvimento) (Kojima, 2009 *apud* Islam, 2009).

Por sua vez, a desigualdade, além de materializar-se em diferenças nos rendimentos, é um fenômeno que envolve o estudo dos modos como é constituída e apropriada a riqueza de determinados grupos ou segmentos sociais. No caso chinês, envolve a riqueza constituída a partir dos entrelaçamentos ou conexões entre indivíduos e grupos, membros da elite econômica e política – riqueza acumulada por membros do Partido Comunista e segmentos conectados

a eles via *guanxi*,<sup>14</sup> além do enriquecimento produzido, em grupos específicos, satélites do extenso capital estatal. De certa forma, os *lobbies* dos blocos de capital e das grandes empresas, apontados por Lenin, na etapa superior do capitalismo, são transfigurados, no socialismo de mercado chinês, em relações pessoais, de conhecimento e confiança, que conformam múltiplos círculos blindados de poder e dinheiro. (Olhando a China numa perspectiva histórica, esse *modus operandi* dos negócios apresenta traços de permanência muito anteriores ao socialismo de mercado.)

Ao mesmo tempo, em muitas experiências de desenvolvimento, acelerado ou não, por exemplo, nos chamados Tigres Asiáticos, nos Estados Unidos, no Brasil, no Japão, além da China, os grandes negócios vieram acompanhados de corrupção e de fronteiras tênues entre regras e acertos de conveniência nos âmbitos público e privado.<sup>15</sup> Entretanto, a longo prazo, a difusão e permanência dos comportamentos corruptos pode implodir qualquer sistema político e qualquer tentativa de construção de mercados, podendo paralisar economias. Considere-se que essas práticas ocorrem em estruturas concentradas, que elevam as barreiras à entrada e, levantando um tema clássico da economia, limitam a concorrência. A concentração e a burocratização (dos comportamentos corruptos) podem desestimular o progresso técnico e a reinvenção das sociedades mas, ao mesmo tempo, este é o “fio da navalha” daquelas formações onde se desenvolvem relações sociais permeadas pelo dinheiro e a acumulação.

A questão da desigualdade, decorrente do êxito na mudança estrutural, é crucial para avaliar historicamente se o mote socialismo de mercado não escondeu uma capitulação diante do capital (tese que, como já foi dito, por enquanto, deveria ser rejeitada). Só pelo caminho da igualdade, num novo patamar de riqueza e oportunidades para todos, o socialismo de mercado com características chinesas terá transitado para uma etapa superior, afastando do horizonte de debate a tese de que se trata de mais uma experiência de capitalismo autoritário.<sup>16</sup> A questão da igualdade envolve, portanto, a qualidade da sociedade salarial que está sendo construída em meio a graus elevadíssimos de concentração e centralização do capital numa economia em transição. Embora seja uma ilusão imaginar que possa existir controle social permanente sobre um processo de transição, pode-se observar que as políticas estatais procuram levar o país em direção a um ambiente econômico com maior protagonismo do mercado interno, do consumo, com elevação da renda interna e progresso técnico.

---

14. Para entender um pouco o *guanxi*, ver Schiavini, Scherer e Coronel (2012); e Gil (2015). Resumidamente, é o “quem você conhece” ou quais são as conexões sociais com autoridades e outros indivíduos por trás dos negócios que são realizados.

15. Osnos (2015) aborda a questão da corrupção na China e faz um contraponto com os Estados Unidos, o Japão e a Coreia.

16. Bell (2015) analisa a política meritocrática chinesa e a questão democrática.

Entretanto, a transição não permite claudicar naquilo que já parece obsoleto (que também é objeto de *upgrades* tecnológicos). Na China, a grande maioria das pessoas vive ainda com muito pouco, seja no meio rural, seja no meio urbano. A condição social pode inutilizá-los para o novo mundo em construção. O destino desses chineses é o desafio civilizatório que a via do desenvolvimento socialista tem pela frente.

Dando sequência a esse desafio, coloca-se não apenas a visão estratégica sobre a sociedade salarial em construção, mas, também, a natureza e as características das instituições e aparelhos de proteção social postos à disposição da sociedade. Nunca é demais lembrar que, muitas vezes, para os sócios do crescimento, o “bolo deve crescer antes de ser dividido”, apostando no caráter socialmente progressista e automático das mudanças na estrutura econômica que viria a atenuar o sentido de urgência das políticas sociais.

As políticas sociais jogam um papel decisivo para encurtar as distâncias sociais, e, além disto, é difícil pensar que uma sociedade possa produzir resultados inovadores se não conta com boa educação, saúde e proteção, principalmente em relação à velhice.

O ponto central é o reconhecimento de que, apesar da acelerada mudança estrutural, a China não possui um Estado de bem-estar – chame-se hereticamente *welfare state* (WS), pois é criado por uma química específica do capitalismo do pós-Segunda Guerra.<sup>17</sup> Mas, justificando, o capital propõe uma sociedade salarial na China como parte do caminho de desenvolvimento das forças produtivas e da inclusão das massas. Falta-lhe, para deixar a condição de “em desenvolvimento” (além de elevar a renda *per capita*), um sistema amplo e profundo de proteção social. Ele deve responder à pergunta: o que faz o Estado chinês para encurtar o tempo histórico da desigualdade?

Cada campo das políticas sociais possui características específicas que, a cada momento, metabolizam os efeitos do progresso sobre a população. A questão do WS remete ao Estado intermediando as relações sociais de produção, principalmente entre o capital e o trabalho. Entendia-se então (nos anos 1950) que as políticas estatais eram cruciais para a paz social, e esta para a sustentação do padrão de acumulação. Entre os países capitalistas avançados, cada um encontrou seus caminhos, que resultavam das conexões entre a política, a democracia, a economia e as massas de trabalhadores e consumidores. Seu progressivo desenvolvimento, numa formação social socialista, pode ajudar a atenuar as contradições suscitadas

---

17. Ver Esping-Andersen (1990) sobre o WS e suas tipologias em vias de desenvolvimento capitalista. Entende-se agora que o WS é também uma das dimensões relevantes do Estado chinês, mas as tipologias existentes dificilmente darão conta do que acontece nesse país.

pela introdução de progresso técnico e pelo forte controle sobre a população. Sem dúvida, essa construção terá uma “cara chinesa”.

De modo geral, a condição dos chineses “longevos” é boa, pois desde 1949 a educação e a saúde pública avançaram no caminho da universalização da cobertura, eliminando o analfabetismo, a miséria e a indigência, mas não a pobreza. Certamente, esse avanço esteve ligado à reforma agrária e maiores cuidados com os processos de trabalho. No entanto, as limitações da produção agrícola e a radicalização do “grande salto adiante” produziram grandes penúrias e fome na virada dos anos 1950 para os 1960.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) foi, de certa forma, pioneira ao revelar ao mundo dos sistemas nacionais de saúde a importância da medicina tradicional e dos médicos de “pés descalços” da China (o que foi depois replicado com êxito em países pobres). Esse patamar de saúde pública envolve procedimentos de baixa complexidade para problemas relativamente simples. Até 2008, a cobertura era muito baixa (15%). Em 2009, o governo fez uma reforma no sistema e estabeleceu a meta de 100% em 2020. Em 2014, a OMS escolheu a cidade de Beijing para lançar seu *Relatório da Saúde Mundial 2013*, orientando os países a fazer igual à China (que atingiu 95% de cobertura), no sentido de universalizar seus sistemas nacionais de saúde.

Porém, mesmo considerando o indiscutível avanço, parece que o sistema possui problemas internos: a conta das consultas e dos procedimentos adotados é dividida entre o governo e os usuários. Estes, com muita frequência, dada sua pequena renda, quando enfrentam doenças mais graves, são obrigados a endividar-se e pioram sua condição de pobreza. Há relatos de pessoas que não receberam tratamento enquanto não pagaram o valor da consulta. O governo estabeleceu subsídios para as famílias mais pobres; mas, quando aumenta a complexidade da doença e do tratamento, eles se tornam insuficientes.

Uma das questões mais sérias é que o envelhecimento populacional vai progressivamente tornando os cuidados de saúde mais caros. O sistema público pode avançar por décadas, depois da revolução, em 1949, com tratamentos relativamente simples, usando a medicina tradicional chinesa. À medida que se acentuou a trilha da industrialização e da urbanização, e a pirâmide demográfica foi se alterando, esse sistema, ainda útil, foi ficando sem ferramentas para atender as novas demandas. Adicionalmente, os chineses sabem que têm que colocar algum dinheiro em um envelope para ser entregue ao médico que irá cuidar do paciente (Chan, 2006; Zanella, 2013; Beech, 2013).

Já o sistema educacional chinês é marcado pelo rigor – exames nacionais para filtrar a progressão a novos níveis, marcada por seu caráter meritocrático –, apresentando características similares aos processos seletivos que regulavam a

formação e admissão de funcionários públicos em diversas dinastias até o século XIX. A grande maioria das famílias com filhos únicos percebe hoje que ter um filho na universidade é abrir uma possibilidade para a mobilidade social (embora haja um número elevado de desempregados universitários); há relatos de famílias que programam a ascensão de seus filhos desde seus quatro anos de idade.

As rotinas exigidas pelo sistema de exames pressionam demasiadamente os jovens e induzem seu envelhecimento precoce diante de práticas disciplinadoras que não necessariamente produzem as habilidades mais interessantes para a inovação. Esta férrea disciplina envolve repetição e memorização, nem sempre valorizando a especulação e o trabalho em grupo, tão importantes para os *insights* criativos. As autoridades percebem essas questões e tentam produzir respostas. O ponto é que, mais e mais, a ascensão no sistema passa a estar correlacionada com a renda das famílias, o que não significa que o sistema educacional não atinja a grande maioria dos indivíduos, mas, destes, provavelmente só uma minoria irá atingir o topo do sistema educacional – os que não passarem terão de enfrentar a odisseia dos empregos mal remunerados e extenuantes.

É importante destacar que algumas questões de segurança típicas, que se colocam para cidadãos no Brasil ou na Índia, não se colocam na China. Sua enorme população não produz os níveis de violência e criminalidade produzidos em outros países, desenvolvidos ou não, com menor número de habitantes. A questão, então, diz respeito, ao reforço do papel da grande maioria como indivíduos ativos saudáveis, com poder de compra e gozo do tempo livre.

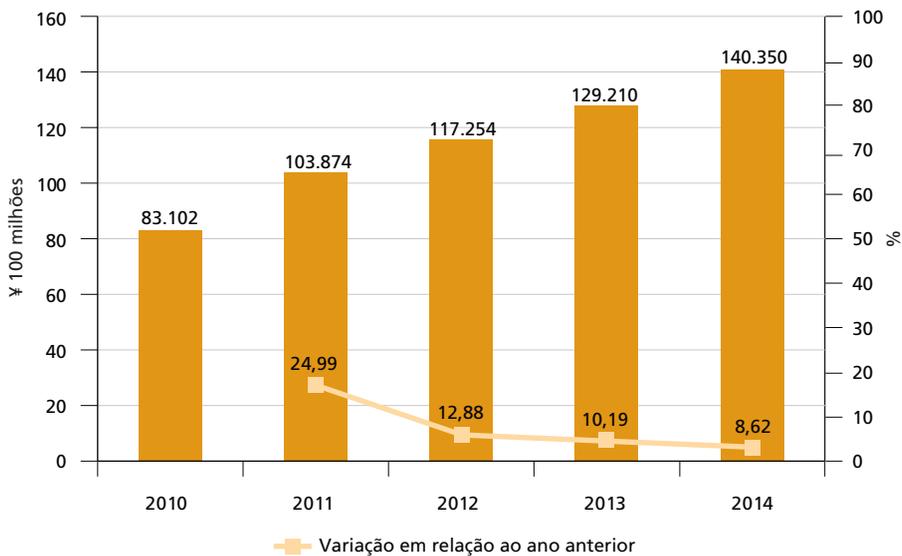
Se for construído, esse estado social dará realmente uma “cara chinesa” ao socialismo e, dada a sua dimensão, haverá poucos precedentes internacionais, basta ver as dificuldades do presidente Barak Obama para implantar nos Estados Unidos um seguro de saúde para todos, ou as enormes dificuldades e anacronismos enfrentados no Brasil para a implantação de um Estado de bem-estar coerente com a Constituição.

O sistema financeiro público e as empresas estatais chinesas constituem canais determinantes para os investimentos públicos. É possível afirmar que as receitas do orçamento fiscal não são tão pressionadas, como em outros países, no sentido de sustentar os investimentos de natureza econômica, potencializando sua utilização para o bem-estar social.<sup>18</sup> O gráfico 13 mostra o crescimento sustentado, mas, como quase todos os indicadores aqui mostrados, a taxas declinantes, da receita fiscal desde 2010 até 2014.

---

18. Medeiros (2013, p. 468) aponta a passagem, a partir dos anos 1980, de um sistema centrado no orçamento e na poupança pública para um sistema centrado no crédito.

GRÁFICO 13  
Receita pública (2010-2014)



Fonte: Statistical Communiqué of the People's Republic of China on the 2014 National Economic and Social Development. National Bureau of Statistics of China.

A construção de um sistema de proteção público-privado, talvez hoje um caminho mais cômodo ou de menor resistência, pode a longo prazo vir a constituir-se num corpo estranho para as pretensões socialistas do partido. A privatização de parte dos sistemas de saúde e educação pode levar os ricos e a classe média a novos patamares de bem-estar, mas, também, consagrar desigualdades, fechando possibilidades de acesso para a grande massa, aliás, como já vem ocorrendo. Esse risco, inerente à filosofia dos bens semipúblicos, deve ser suplantado por um sistema público que, em quantidade e qualidade, atenda à massa e, assim, crie os parâmetros para a concessão dos serviços públicos ao setor privado. No entanto, é necessário pontuar que o rápido envelhecimento populacional e o padrão salarial atual jogam contra a formação de fundos de pensão, tanto públicos como privados, já que o tempo para capitalizar os depósitos tende a se encurtar rapidamente.

Com uma população imensa, não há dúvidas quanto à capacidade de formar uma elite ilustrada, numerosa para qualquer padrão internacional incluindo alguns milhões de integrantes do partido, capaz de conduzir e alavancar um vigoroso desenvolvimento. O que se discute aqui é a questão salarial e um sistema de WS para a grande massa, indagando, no fundo, sobre a capacidade de uma formação socialista trilhar um caminho civilizatório.

A combinação desses caminhos como principais vetores da estratégia de desenvolvimento, num cenário bastante sombrio para a economia mundial, e com a queda pela metade das taxas de crescimento, não é trivial, pois passa pela percepção dos membros do partido sobre o modo de regular e planejar os rumos da economia e da sociedade. Talvez seja utópico imaginar que um regime político seja capaz de assumir publicamente essas duas questões como eixos do desenvolvimento. As relações sociais introduzidas pelo capital e os mercados definem um amplo terreno de tensões entre salários e lucros; a riqueza cria raízes e fortes grupos de interesse. E, como diz Evan Osnos: “o dinheiro cria ambição”.

Ao mesmo tempo, é possível acreditar que a desigualdade não resolvida tende a potencializar o uso da força. Agregue-se a este fator primário a busca individual por riqueza e o mundo do dinheiro que, de modo diferente nos diversos segmentos sociais, pode vir a apagar do DNA da população qualquer tendência a aprofundar o socialismo e o igualitarismo. A possível reversão do crescimento acelerado para um novo patamar de normalidade, como em outras experiências, implica menor entrega de resultados à sociedade e elevação das pressões políticas dos múltiplos grupos de interesse e setores afetados pela nova trajetória. Neste sentido, os mecanismos de dominação e controle terão que ser reinventados para evitar que se repitam os episódios de Tiannamen Square, em 1989, e, agora, com maior exposição no cenário internacional, portanto, com menores chances de reprimir militarmente as possíveis revoltas. Resumidamente, a nova normalidade pode significar um maior aperto político que, por sua vez, poderá distanciar os quadros dominantes da nova sociedade chinesa.

De qualquer maneira, é certo que o sucesso das escolhas chinesas está vinculado a um contínuo controle sobre a massa e o desenvolvimento de suas ambições. Nesse ponto, é ilustrativo o esforço quixotesco (e de validade conjuntural) das autoridades de filtrar os conteúdos e os acessos à internet (segundo os dirigentes do Partido Comunista, uma questão de segurança), que bem poderia ser comparado, num país que busca a fronteira tecnológica, à tentativa de segurar água com as mãos. Segundo Jank (2015, p. 18), “Basta dizer que o valor de vendas *online* da China (US\$ 620 bilhões) já supera a soma dos valores dos Estados Unidos (US\$ 380 bilhões) e da Europa (US\$ 228 bilhões)”.

A essa discussão voltada para o futuro, a partir das atuais tendências, devem-se somar a questão ambiental e o andar das políticas públicas orientadas a enfrentar as consequências do metabolismo industrial.<sup>19</sup> Apesar do seu enorme território, como já dito, parte importante deste é inóspita para a agricultura e pobre em alguns recursos naturais vitais, como, por exemplo, água. Além disso,

---

19. A esse respeito, ver Observatorio de la Política China (2015, p. 18).

há estudos do governo que indicam que um percentual importante das terras agriculturáveis está contaminada.

A carência de água faz com que cidades como Beijing sejam dependentes de fontes localizadas a milhares de quilômetros de distância. O governo chinês inaugurou, em 2014, um canal de 1.200 km para levar água do rio Yang Tse às cidades e províncias localizadas ao norte do país, entre as quais, Beijing e Tianjin (em acelerado processo de metropolização e pressão hídrica numa região árida). Esse projeto foi idealizado por Mao Tsé Tung, em 1952, retardado por décadas, dada sua complexidade técnica e custo, hoje estimado em mais de 80 bilhões de dólares. Ainda estão sendo construídos mais dois canais de transposição de tamanho equivalente, que irão captar água do médio e alto rio Yang Tse, para outras regiões ao norte, a previsão é de que as obras estejam concluídas em 2050 (Água..., 2014).

Nesse quadro, inseridos num meio ambiente não muito generoso em terra agriculturável e alguns recursos naturais, os processos industriais típicos da Segunda Revolução Industrial, que foram estruturados ao longo das últimas décadas, implicaram intensa instalação de indústrias sujas, dependentes de combustíveis fósseis. Ao mesmo tempo, a matriz energética responsável pela produção de energia elétrica, para atender indústria e cidades em acelerada expansão, é fortemente dependente de usinas termoeletricas movidas a carvão mineral.<sup>20</sup> A China ocupa o primeiro lugar, entre todas as nações, com metabolismo mais acelerado e maior emissão de gás carbônico; ela é também produtora e grande importadora mundial de petróleo.

A cidade de Beijing com frequência sofre as consequências, com uma fumaça que chega a invadir o interior do seu enorme aeroporto, deixando-o com uma luz amarelada. São dias sem aulas, com recomendação para não sair de casa. Ao mesmo tempo, a contaminação faz com que, na capital e em muitas cidades, não se beba água da torneira, por conter minerais pesados, imunes aos filtros. Somem-se casos e mais casos de intoxicação por consumo de alimentos contaminados e estatísticas que apontam a existência de mais de 300 milhões de chineses que padecem ou padeceram de alguma doença decorrente disto. Este quadro gera enormes conflitos internos – porque a população se revolta e não hesita em ir à rua – e, seguramente, elevam a pressão internacional para que seja revertido o forte impacto ambiental do desenvolvimento chinês.

Para além dos resultados possíveis da conferência mundial sobre o clima em Paris, no final do ano de 2015, é importante apontar que o governo tem consciência dos problemas ambientais e que, na esteira da transição tecnológica da

---

20. Mencione-se a importância do acordo com a Rússia para fornecimento de gás natural, que contribui para limpar a matriz energética chinesa.

indústria, vai tentando implantar distritos industriais com novo perfil ambiental, talvez, em escalas inéditas no mundo, ou estabelecendo punições e multas a empresas poluidoras.

Além disso, e de forma não diferente do que ocorreu nos países desenvolvidos, o sucesso da transição tecnológica interna terá como contrapartida um deslocamento das indústrias sujas para outras regiões do mundo, nunca é demais lembrar que parte importante da estratégia internacional da China envolve o acesso a países periféricos, ricos em recursos naturais, produtores de *commodities* agrícolas ou industriais.

O tamanho da população chinesa e os rumos de seu desenvolvimento certamente envolvem uma dimensão planetária. Caso os chineses enveredem definitivamente por um estilo similar ao americano, em termos de padrões de consumo, e subordinados à cultura do automóvel, haverá muitos motivos para se preocupar. Paradoxalmente, numa sociedade que é revolucionada pela instalação da produção e consumo de massa, para sorte do planeta, há fortes restrições governamentais para aquisição de automóveis. Neste sentido, ambiental e planetário, não deixa de aliviar a percepção de que o gigante desacelera sua expansão quando ainda o crédito ao consumo não atingiu todo o seu potencial.

Por último, este *tour* de questões para o futuro da China deve abordar de modo muito sintético a inserção internacional do país.<sup>21</sup> Apesar do seu já enorme mercado interno, a economia chinesa se encontra ligada aos rumos da economia internacional. Esta ligação indica que o desenvolvimento chinês resulta também de um determinado arranjo, forma de relacionamento bem-sucedido com empresas e governos estrangeiros. Neste sentido, apesar de poderosa, a economia chinesa longe está de poder ser considerada autossuficiente. Seu vigor industrial, dos últimos trinta anos, nasceu internacionalizado, dependente de capital, tecnologia e recursos naturais estrangeiros.

O resultado do seu esforço exportador tem gerado um nível de reservas em dólares e títulos americanos de mais de 1 trilhão de dólares – quantia capaz de levantar dúvidas sobre o cenário que se abriria a partir de uma elevação progressiva da taxa de juros americana, principalmente sob a tutela dos candidatos republicanos atuais. Novamente, o nível de reservas outorga à China boa margem de manobra cambial, a não ser que uma possível estagnação mundial, de longa duração, se encarregue de pulverizar seus saldos comerciais.

A incerteza internacional indica pessimismo e, certamente, a cobrança à China de maior protagonismo nas instituições multilaterais. Seu comportamento de progressivo avanço é cauteloso, e voltado a produzir, principalmente, bons

---

21. Para uma visão sintética das questões internacionais mais prementes, ver Observatorio de la Política China (2015, p. 24).

resultados comerciais. Seu aparente desinteresse em disputar hegemonias políticas e militares já existentes no capitalismo ocidental é, provavelmente, uma precaução e uma artimanha para que as relações econômicas não deixem de evoluir apesar das profundas diferenças políticas – *vide* o distanciamento com Cuba.

Mas essa atitude, de um país que se autoproclama em desenvolvimento, deve ser aquilatada numa perspectiva histórica. Até a primeira Revolução Industrial, a China era um país fechado, sem tradição naval, que, deliberadamente, por ordem de um imperador no século XVII, destruiu sua incipiente e razoável frota de embarcações. Seus imperadores, em geral, se opunham a expedições externas. Esta autossuficiência foi rompida em 1842 (Tratado de Nanquim), a fórceps, quando sucessivamente várias potências europeias, entre as quais, Inglaterra e França, abriram e ocuparam seus principais portos, sem, contudo, chegar a dominar o país, como o fez o Japão nos anos 1930 e 1940. A esta turma, somaram-se outros que exigiam os mesmos direitos comerciais (Senise, 2008, p. 123). Além disso, desde, pelo menos, os anos 1950 os Estados Unidos, a partir do seu domínio hegemônico da bacia do Pacífico, têm desempenhado um papel militar crucial para impedir que a China incorpore definitivamente ao seu domínio a ilha de Taiwan (já integrada econômica e financeiramente ao mercado chinês).

A China teve guerras e atritos com todos os seus vizinhos de fronteira, com gravidade variada, mas superados. Os pontos nevrálgicos que mais preocupam, e exigem das relações bilaterais, encontram-se na ilha de Taiwan e envolvem os Estados Unidos e as disputas por um pequeno arquipélago com o Japão. Recentemente, o presidente chinês, Xi Jinping, afirmou que a segurança da Ásia é assunto dos asiáticos e “não se constrói com alianças militares frente a terceiros”. O país lutará para exercer seu predomínio regional e, neste sentido, seu principal antagonista são os Estados Unidos. Metade do seu comércio ocorre com os países integrantes da Asean juntamente com Japão, Taiwan, Hong Kong e Coreia.

Os projetos bilionários das novas rotas marítima e terrestre da seda (em aliança com a Rússia) são considerados uma resposta à postura americana na área do Pacífico. Entretanto, suas relações com a Rússia, desde a época de Mao, têm tido altos e baixos. Uma das razões para a guinada em direção aos Estados Unidos, na segunda metade dos anos 1970, era a crença de que a então União Soviética estaria prestes a invadir o território chinês.

Existem questões políticas graves com o Tibete. Esta região autônoma, juntamente com a província de Xinjiang, no seu entorno, apresentaram em 2014 taxas de crescimento acima dos 10% (Observatorio de la Política China, 2015, p. 11), indicando uma estratégia de elevar os investimentos em infraestrutura e a presença do Estado pela via econômica, para debilitar os impulsos autonomistas regionais.

Estrategicamente, a China desempenha um papel importante na complicada relação entre as Coreias. O regime do norte pratica um estilo radical, no fio da navalha, de uso não pacífico da indústria nuclear numa orientação nacional para a guerra, como um tipo de “cão de guarda” que, junto à sua utilidade, tende a criar-lhe problemas no cenário diplomático internacional.

Por último, é interessante notar que, apesar da sua intensidade, o avanço chinês nas economias latino-americanas tenderá a ficar restrito a este campo, sem confrontar a influência geopolítica dos Estados Unidos. Neste sentido, o avanço chinês na África, com questões nacionais menos consolidadas, parece ser um pouco diferente, talvez menos comercial e mais territorialista.

No curto prazo, não parece possível acreditar que a China irá assumir uma postura territorial agressiva ao estilo, por exemplo, daquela adotada pelos Estados Unidos nos mandatos dos presidentes Reagan e Bush, a não ser em territórios próximos à sua área de fronteiras.

## 5 CONCLUSÕES

Este texto procurou mostrar que, em consequência das aceleradas e profundas transformações econômicas e sociais ocorridas na China, após a década de 1970, surge uma série de problemas e desafios de difícil prognóstico. A transição no campo econômico se traduz na implantação e difusão de uma matriz indutora de crescimento endógeno, marcada pela inovação e a alta tecnologia. Num cenário mundial sombrio, é uma resposta ao esgotamento de um determinado tipo de indústria, tanto no que diz respeito à sua inserção internacional quanto à sua capacidade de dar respostas internas à altura das impressionantes mudanças demográficas com precoce envelhecimento populacional.

Mas esse país longo vive sabe viver de transição em transição, pelo menos desde o tratado de Nanquim, independentemente do sucesso ou insucesso da nova estratégia de crescimento.

A concentração de renda e riqueza, a enorme quantidade de população rural, pode tornar-se um depósito de velhos, os efeitos da riqueza capitalista, nas formas de sociabilidade, as possibilidades de continuar praticando uma via de desenvolvimento com forte controle da massa, a corrupção e os mecanismos de punição e controle, a diminuição dos impactos ambientais do desenvolvimento e seu crescente protagonismo internacional, mais do que merecer conclusões estabelecem linhas de acompanhamento e pesquisa para o grupo de estudos Brasil-China do Departamento de Economia da UFPR.

No plano político, em vez de enveredar por valores e modelos universais de democracia, preferiu-se colocar a questão da capacidade de reinvenção do regime,

de modo paradoxalmente similar ao que as múltiplas dinastias fizeram ao longo dos séculos. Mas não é descabido imaginar que a velocidade com que o Estado consiga entregar respostas e construir um inédito WS determinará o grau com o qual continuará a ser usada a sua força para controlar a massa.

Cada uma das questões levantadas, direta ou indiretamente, está na mira do presidente e do conselho de Estado. Um dos parâmetros, para continuar planejando o desenvolvimento, será o patamar em que o “novo normal” se estabilizará e, neste campo, há ainda muitas dúvidas. Os brasileiros conhecem a experiência da desaceleração e crise na segunda metade dos anos 1970, durante a inflexão do padrão de crescimento das economias capitalistas. A favor da China, pode-se dizer que sua desaceleração ocorre, muito provavelmente, nos primórdios da Terceira Revolução Industrial.

De qualquer maneira, é necessário compreender que o Partido Comunista tem uma força muito extensa e arraigada na sociedade chinesa. Seu desafio é conseguir responder às novas demandas e ambições geradas nas últimas décadas, num ambiente internacional sóbrio e numa dinâmica cíclica nem sempre reversível mediante o planejamento.

A análise econômica dos últimos quatro anos feita na segunda parte deste texto, indica que é prematuro afirmar se já houve uma aterrissagem, muito menos se houve um *soft landing* ou um *hard landing*, pois não há sinais contundentes de que a desaceleração tenha sido interrompida. Porém, os números relativos ao crescimento, os investimentos e o consumo ainda são robustos, particularmente no comércio exterior (considerando também o nível de reservas); os resultados positivos são importantes e, junto ao seu sistema público de financiamento, contribuem para o bom perfil do balanço de pagamentos. Vale lembrar que uma das opções econômicas da via de desenvolvimento chinesa é evitar o endividamento externo, de modo que sobram à China recursos (e entendimentos) para atravessar os tempos sombrios do capitalismo mundial e atingir um novo patamar de desenvolvimento e bem-estar.

Cada experiência ou via de desenvolvimento é única e, para desalento daqueles que gostam de decálogos com sugestões, o caso chinês é um dos menos replicáveis do planeta, tal a combinação entre um regime político específico e um padrão de acumulação de capital com amplo domínio do setor produtivo e financeiro estatal, sem menosprezar a ampla convergência com o capital estrangeiro. Mesmo único, o desenvolvimento chinês aponta para a importância da existência de políticas de Estado inseridas num projeto nacional que, apesar de se alterar, apresenta fortes elementos de permanência.

## REFERÊNCIAS

- ÁGUA de rio chega a Pequim em maior transposição da história, **Revista Exame**, 27 dez. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/agua-do-yangtse-chega-a-pequim-em-maior-transposicao-da-historia>>.
- ASH, R. Employment and migration: a chinese rural perspective. *In*: ISLAM, N. (Ed.). **Resurgent China: issues for the future**. London: Palgrave MacMillan, 2009.
- BEECH, H. How corruption blights China's health care system. **Time**, 2 Aug. 2013.
- BELL, D. **The China model: political meritocracy and the limits of democracy**. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- BRAGA, J. C.; OLIVEIRA, G. C. de; WOLF, P. J. W. Dimensões estratégicas do desenvolvimento brasileiro. As mudanças mundiais em curso e seus impactos sobre as perspectivas de desenvolvimento do Brasil. *In*: BRAGA, J. C.; OLIVEIRA, G. C. de; WOLF, P. J. W. **O “efeito China” e alguns dos principais desafios para o desenvolvimento brasileiro**. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2013. v. 1.
- CARVALHO, M. H. de. **A economia política do sistema financeiro chinês (1978-2008)**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Economia e Política Internacional do Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- CHAN, J. **Tumulto na China contra a deterioração da saúde pública**. [s.l.]: World socialista, 7 dez. 2006. Disponível em: <[www.wsws.org](http://www.wsws.org)>. Acesso em: jul. 2015.
- CHANG, L. T. **As garotas da fábrica: da aldeia à cidade numa China em transformação**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.
- ESPING-ANDERSEN, G. **The three worlds of welfare capitalism**. Princeton: Princeton University Press, 1990.
- FAIRBANK, J. K.; GOLDMAN, M. **China: uma nova história**. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- GIL, M. **El guanxi y la importancia de las relaciones en China**. [s.l.]: [s.n], 2015. Disponível em: <[www.china-files.com](http://www.china-files.com)>. Acesso em: 12 maio 2015.
- ISLAM, N. **Resurgent China: issues for the future**. London: Palgrave MacMillan, 2009.
- JABBOUR, E. **China hoje: projeto nacional, desenvolvimento e socialismo de mercado**. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois; Paraíba: EDUEPB, 2012.

- JANK, M. S. A revolução do comércio eletrônico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 jul. 2015.
- KISSINGER, H. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- KOJIMA, R. China's high economic growth and the emergence of structural contradictions. *In*: ISLAM, N. (Ed.). **Resurgent China: issues for the future**. London: Palgrave McMillan, 2009.
- LEE, I. H.; QINJUN, X.; SYED, M. **China's demography and its implications**. Washington: International Monetary Fund, 2013. (Working Paper, n. 13/82).
- MACEDO, M. de M. **China: política de investimento e conteúdo local**. Rascunho para discussão interna na CNI, 2012.
- MEDEIROS, C. A. de. Padrões de investimento, mudança institucional e transformação estrutural na economia chinesa. *In*: MEDEIROS, C. A. de. **Padrões de desenvolvimento econômico (1950-2008): América Latina, Ásia e Rússia**. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2013. v. 2.
- MILARÉ, L. F. L.; DIEGUES, A. C. Contribuições da era Mao Tsé-Tung para a industrialização chinesa. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 359-378, 2012. Edição especial.
- NABUCO, P. Hukou e migração na China: alguns apontamentos sobre divisão do trabalho. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 237-258, 2012. Edição especial.
- NAUGHTON, B. **The chinese economy: transitions and growth**. Cambridge: The MIT Press, 2007.
- OBSERVATORIO DE LA POLÍTICA CHINA. **2015 informe anual**. [s.l.]: Observatorio de la Política China, 2015. Disponível em: <[http://www.yuanfangmagazine.com/pdf/Politica\\_china\\_2015.pdf](http://www.yuanfangmagazine.com/pdf/Politica_china_2015.pdf)>. Acesso em: jul. 2015.
- OECD – ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Urban Policy Reviews: China 2015**. Paris: OECD, 2015.
- OLIVEIRA, A. P. de. **A revolução chinesa passada no caleidoscópio**. Conferência proferida na abertura do Grupo de Estudos Brasil-China, Campinas, 2011.
- OSNOS, E. **A era da ambição: em busca da riqueza, da verdade e da fé na nova China**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- PENG, X. Demographic factors in China's economic growth. *In*: ISLAM, N. (Ed.). **Resurgent China: issues for the future**. London: Palgrave Mcmillan, 2009.
- REINOSO, J. **China, um país sem grandes núcleos de favelas**. Disponível em: <[www.controversia.com.br](http://www.controversia.com.br)>. Acesso em: 27 out. 2008.

SCHIAVINI, J. M.; SCHERER, F. L.; CORONEL, D. A. Entendendo o *guanxi* e sua influência nas relações internacionais. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 16, n. 2, p. 316-332, Rio de Janeiro, 2012. Edição especial.

SENISE, M. H. V. Tratado de Nanquim (1842). *In*: MAGNOLI, D. (Org.). **História da paz**: os tratados que desenharam o planeta. São Paulo: Contexto, 2008.

SPENCE, J. D. **Em busca da China moderna**: quatro séculos de história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TELLA, G. Perspectivas sobre Pequim: processo esmagador de renovação urbana. **ArchDaily**, 17 mar. 2013. Disponível em: <[www.archdaily.com.br](http://www.archdaily.com.br)>. Acesso em: jul. 2015.

ZANELLA, A. **Sistema de saúde chinês**. Disponível em: <<https://prezi.com>>. Acesso em: 28 nov. 2013. Slides.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

BELLUZZO, L. G. **Os antecedentes da tormenta**. Origens da crise global. Campinas: Editora UNESP; Edições FACAMP, 2009.

#### **SITES CONSULTADOS**

China Highlights. Disponível em: <[www.chinahighlights.com](http://www.chinahighlights.com)>.

Nations Online. Disponível em: <[www.nationsonline.org](http://www.nationsonline.org)>.